

PORTFÓLIO

IGOR DE MARCH



CÂMARA MUNICIPAL DE ERECHIM

003

MEMORIAL DA FIOCRUZ SOBRE A COVID-19

011

CENTRO DE REFERÊNCIA DO ARTESANATO

018

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTEGRADO

024

O QUE É ORDEM PÚBLICA?

035

MAQUETARIA

042

CV

047

**CÂMARA
MUNICIPAL
DE ERECHIM**

CONCURSO
PÚBLICO
NACIONAL

MENÇÃO
HONROSA

Modalidade

Projeto arquitetônico
Restauro e ampliação

Ano

2024

Local

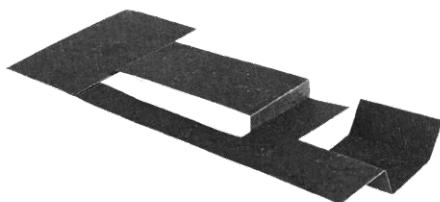
Erechim/RS

Área de intervenção

4.957,30 m²

Coautoria

Arthur Andrade
Miguel Mincache
Pedro de Borba
Rafael Magno



Coautoria na concepção e elaboração do projeto arquitetônico, desenhos técnicos e pós-edição das renderizações. Concepção dos espaços coletivos externos e internos, projeto paisagístico, especificação botânica, diagramas e textos de apresentação.

Cidade, arquitetura e esfera pública

A cidade é o espaço físico onde se executam os princípios democráticos. A materialização ética da vida em coletividade se constrói no tecido urbano, prontamente disposto a adentrar o domínio de cada edifício.

Estes, por sua vez, inegavelmente amparam e decodificam o espírito comum em uma sequência de tempos, sedimentando espacialmente os princípios de um *genius loci*. Em torno deste complexo diálogo entre justaposição e conflito de arquiteturas se organiza a cidade, imagem e espelho de uma sociedade.

O edifício legislativo é, por concepção, a manifestação física dos princípios que subsidiam a vida pública. Este é um ponto dado, inequívoco: reside, aí, a responsabilidade em torno de sua concepção. A forma com que opera dentro desta lógica espacial acaba, por bem ou por mal, por sedimentar as geratizes do vetor onde aponta a vontade comum.

A constituição do edifício de poder público constrói um conflito operacional próprio de sua tipologia: elevá-lo insólito à sua importância ou canalizá-lo passivamente ao mundano, negando a política como fenômeno social imprescindível. A desarticulação derivada deste embate tende a configurar espaços oscilantes, rapidamente superados pelas condições materiais enfrentadas pelos solavancos políticos. Em contrapartida, o

projeto busca, vistas as dissonâncias, absorver as poéticas que as constróem em nome do fortalecimento democrático. Entre cidade e sujeito, atua o edifício como intermédio vital.

Se o edifício subsidia o conjunto de vontades dos agentes que constituem a cidade, é imprescindível que ofereça recursos que não consensualizem, mas que catalisem diálogos na esfera urbana. Há, portanto, a necessidade de se absorver pela arquitetura do novo conjunto proposto o domínio da cidade e submetê-lo ao coletivo: torná-lo fractal, análogo, constituir ampares para inflamar múltiplas - e possivelmente novas - semânticas do espaço público.

O patrimônio e a memória coletiva

Enraizar a arquitetura pública sobre a espessura histórica do território, evitando arbitrariedades, é uma operação que requer sensibilidade de absorção, reconhecimento e questionamento.

Se todo projeto é uma resposta, neste caso tratamos como a reafirmação de uma proposta já elocubrada: Maffessoni, em 1960, absorve a importância do campo coletivo no programa da Companhia Telefônica Municipal. As qualidades espaciais do projeto capacitam o público, reconhecendo na amplitude sensível do programa - equipamento infraestrutural que, por vocação, operacionaliza os sentidos dos usuários - um fenômeno do popular.



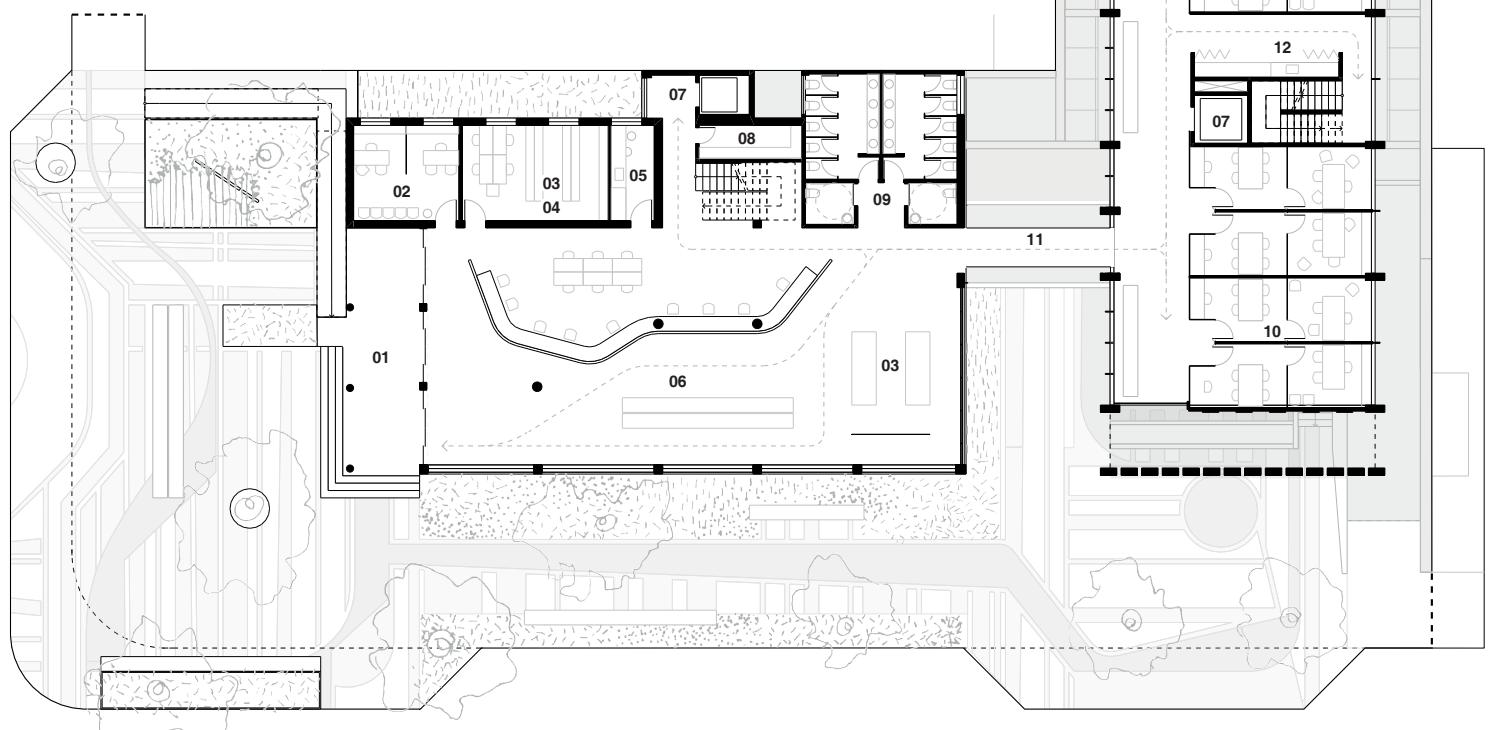
 s/e

Perspectiva de
acesso do anexo

O conjunto proposto estende e amplia os gestos propostos pela arquitetura existente, manipulando seu léxico projetual como meio de consolidar o caráter coletivo do espaço. Desta forma, um grande saguão - memória reverberada do salão original da CTM - acolhe estruturas de recepção, atendimento e memoriais cívicos. Suas interfaces com a esfera pública garantem permeabilidade física e possibilitam a continuidade da cidade, espacial e temporalmente. A caixilharia existente, estendida e potencializada, modula e difunde o espaço público.

O edifício anexo, frente ao projeto de

Maffessoni, é arqueólogo e catalisador das qualidades do espaço construído. Sua elevação se desmolda do edifício existente, tornando palpável a atmosfera de conjunto em um ideal constitucional. Não somente vinculado ao edifício existente, vincula-se ao tecido urbano, entendendo como patrimônio o conjunto de sensibilidades intrínsecas ao lugar e ao arquitetônico dentro da cidade e buscando neles desejos comuns a serem dilatados. Valorizam-se, assim, as operações arquitetônicas que imprimem nos edifícios os processos de integração, encontrando na memória o apoio necessário para sua integração efetiva à cidade.



0 2 4 6 10 18 m

Planta / Acesso
Praça da Bandeira



- [01] Antecâmara ao saguão de entrada [02] Ouvidoria [03] Memorial [04] Patrimônio
- [05] Recepção / portaria [06] Saguão de entrada [07] Circ. vertical e elevadores
- [08] Sala equipe de limpeza [09] Banheiros públicos [10] Gabinetes para vereadores - 21 gabinetes [11] Passarela [12] Copa

Do partido se desdobram as soluções estruturais do edifício anexo. O conjunto de pilares externos livram a planta de interferências e modulam os gabinetes e caixilharias seguindo a lógica dos vãos. A malha de vigas protendidas garante operacionalidade técnica dos espaços de gabinetes e deliberação. O nível do plenário, coplanar ao salão do edifício existente, se aproveita da transição estrutural às extremas do lote para conformação de cortinas de luz contíguas às circulações.

A lógica do comum conforma a totalidade do espaço construído. O programa, como

conjunto dado, é elemento englobado por um segundo conjunto a-programático. Calçadas e acessos são readequados de forma a privilegiar o campo do pedestre e garantir uso qualificado do espaço aberto. O desenho de paisagem constrói, a nível de piso e de ajardinamento, fatos urbanos cuja materialidade se dispersa conjunto adentro e amarra a rua ao interior do edifício - dando robustez à categoria da "circulação-calçada" que configura o projeto. Os espaços comuns, balizados pelas múltiplas vitalidades do tecido público, adquirem autonomia, criando articulações próprias e emulando uma lógica urbana



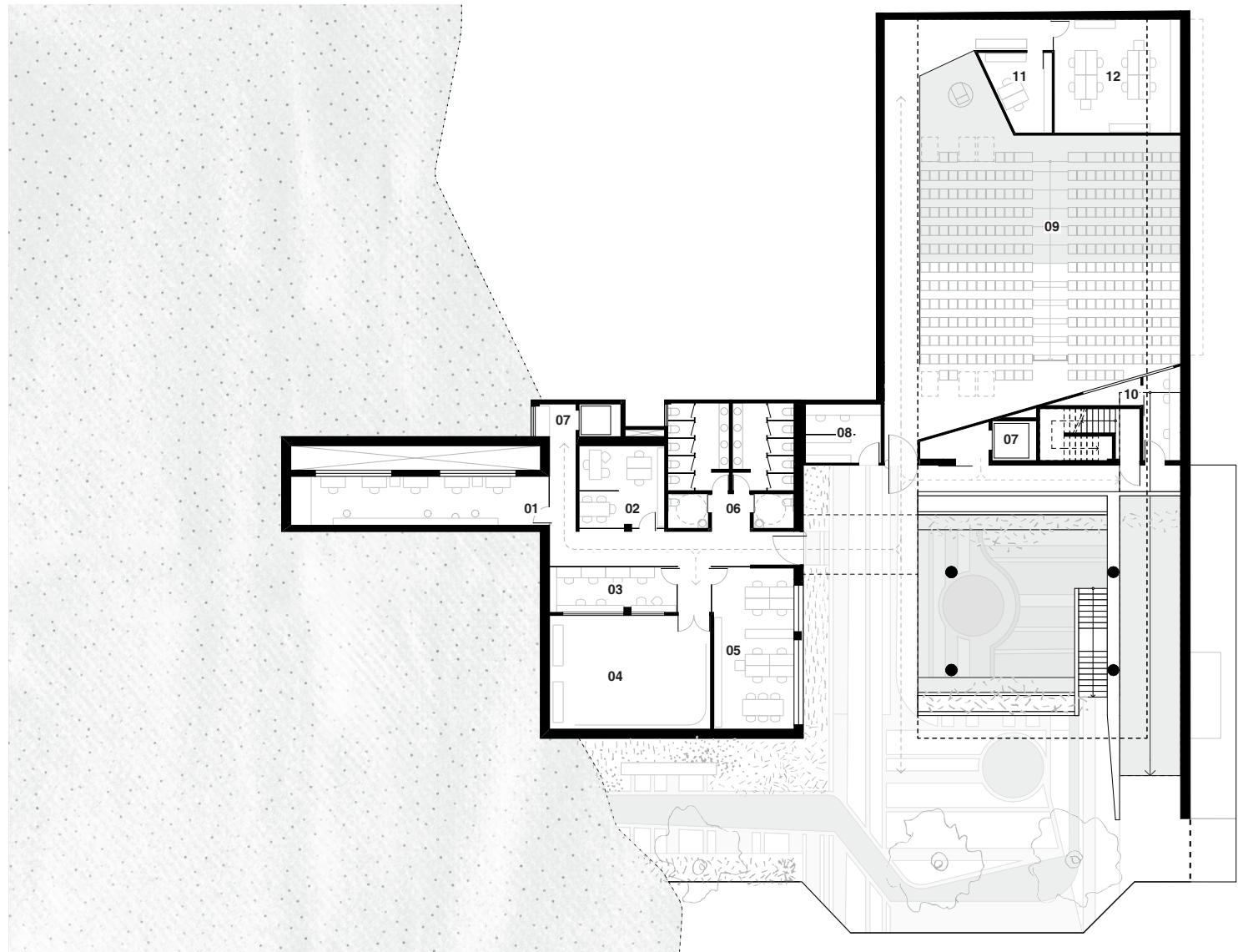
s/e

Perspectiva do pátio entre plenários

interna. Gabinetes se organizam em uma circulação qualificada e ampla - ou rua estreita -, à medida que espaços deliberativos se fronteiam mediante vazios públicos.

A capilaridade da gestão pública municipal articula as escalas do projeto, que manipula as proporções em torno das poéticas entre política e ética coletiva: busca-se o monumento tangível, admirável e alcançável. O acesso simbólico configura a totalidade do conjunto - espaços parlamentares se configuram ao alcance do corpo e à altura do olho, destituídos com dignidade de sua aura intangível. As circulações

verticais são articuladas em diferentes posições, conduzindo fluxos internos dos agentes legislativos a se fazerem públicos e garantindo interface comum entre povo e sujeitos públicos e suas atividades políticas como práticas coletivizadas. O conjunto da Câmara Municipal de Vereadores de Erechim constitui, dentro de si, extensão de um patrimônio amplo - cidadino, edilício e coletivo, expandindo a esfera pública e garantindo o exercício da legislatura como componente material da cidade.



0 2 4 6 10 18 m

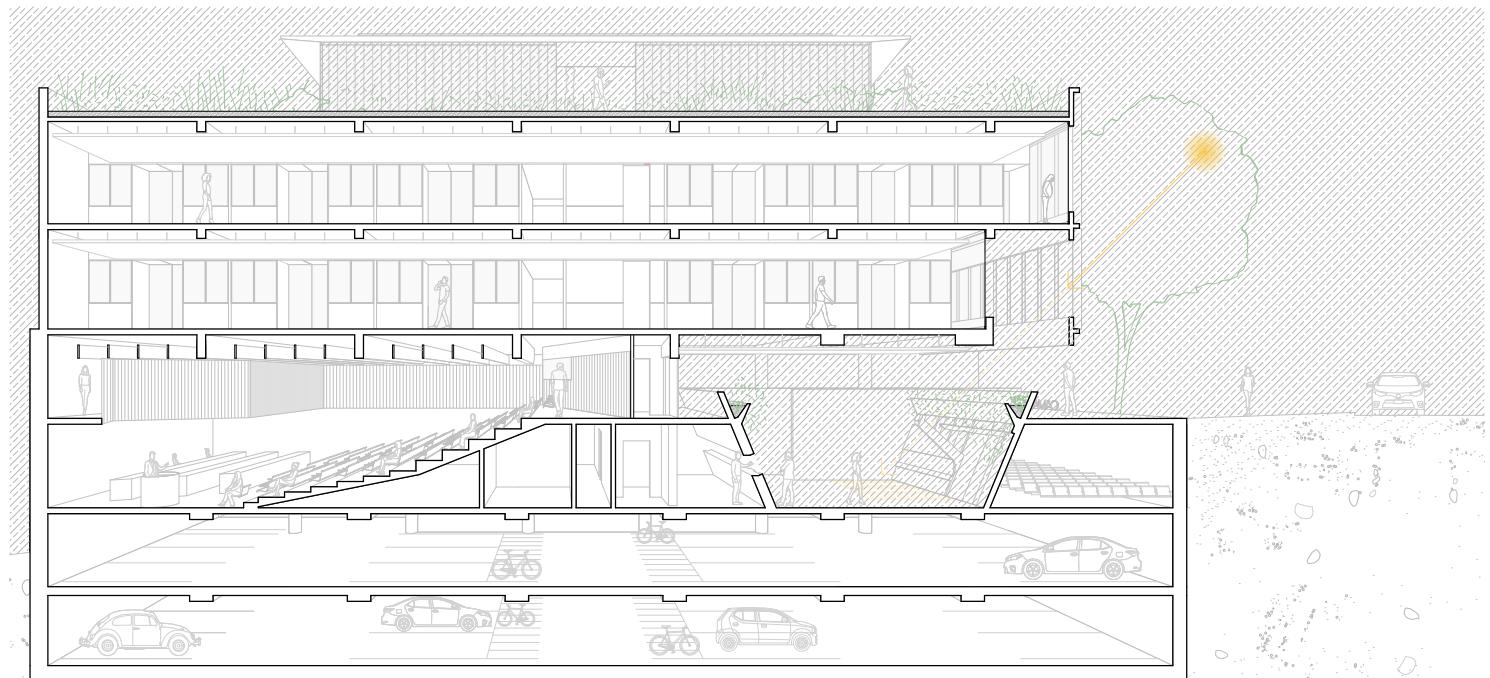
Planta / Acesso
Avenida Uruguai

N

- [01] Central técnica e T.I.
- [02] Comunicação
- [03] Sala de edição
- [04] Estúdio de gravação
- [05] Sala de redação
- [06] Banheiros públicos
- [07] Circ. vertical e elevadores
- [08] Portaria / segurança
- [09] Plenário - 300 espectadores
- [10] TV aberta
- [11] Gabin. da diretoria legislativa
- [12] Comissões legislativas

De forma a garantir a conformação de espaços públicos amplos e que respondam qualitativamente ao caráter de comunhão cívica do programa, propõe-se uma nova configuração para a caixa de pedestres.

Esta é feita de modo a conferir maior amplitude às frentes dos edifícios, substituindo vagas veiculares por uma área de embarque e desembarque integrada à praça de entrada do edifício existente e a uma pequena praça em frente ao anexo.



0 1,5 3 4,5 7,5 13,5 m

Corte perspectivado

O plano de piso é desenhado de forma a criar uma unidade de conjunto através do espaço público. Adota-se a pedra basalto, típica do calçamento viário da região, em diferentes grãos para configuração do desenho. A linha que interconecta os espaços públicos é traçada utilizando um conjunto de cacões de pedra reincorporados a partir do acesso existente. Este desenho avança sobre os planos verticais no edifício anexo, de forma a conduzir novas experiências ao espaço coletivo. Demais espaços comuns do conjunto utilizam da mesma pedra para identificação do caráter de interesse público intrínseco.



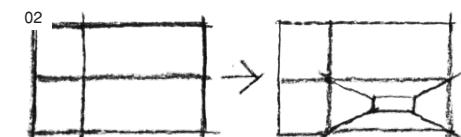
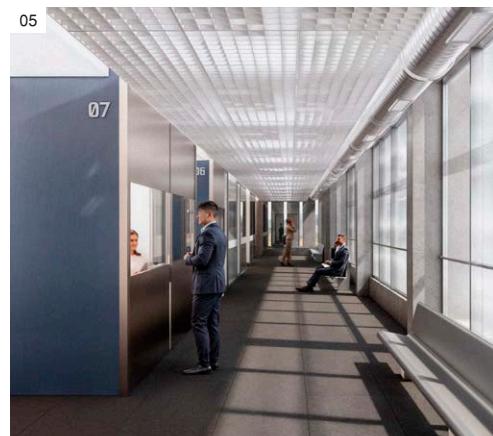
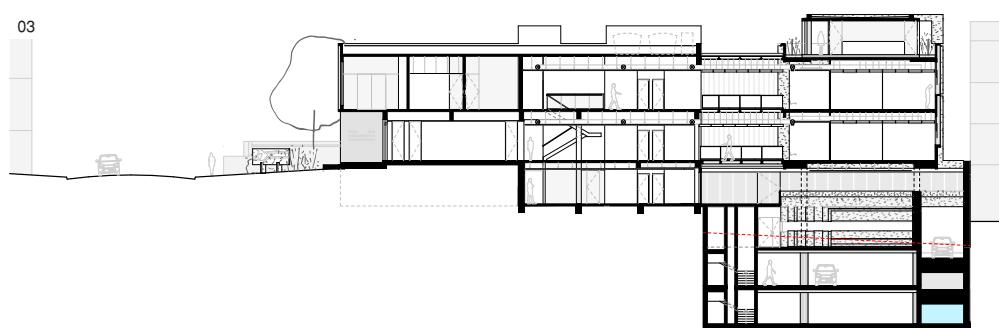
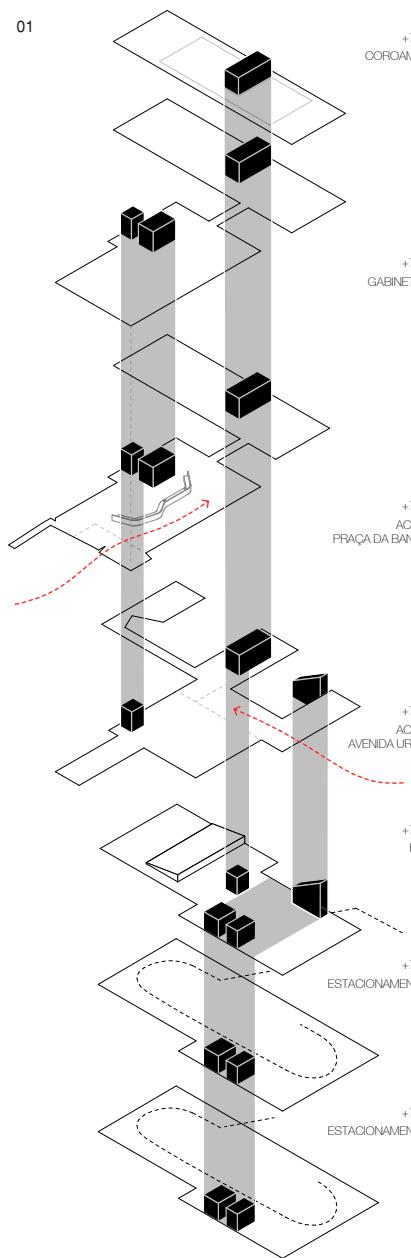
Perspectiva de
interface do anexo

s/e

Longos bancos em concreto definem planos suspensos sobre o piso. Estes bancos são replicados nas demais áreas coletivas.

Um conjunto de canteiros define pequenos programas - paraciclos e pequenos estares - e adequações necessárias à acessibilidade. Sobre o canteiro em frente ao edifício existente é disposto um mural substitutivo ao Memorial do Chimarrão existente, de forma a não interferir na legibilidade da fachada do patrimônio. Sob o memorial é instalado um espelho d'água natural e alocadas espécies nativas de banhado. Em seu entorno é instalado um plano inclinado

de acesso ao nível da edificação. Ao longo da Av. Uruguai, desenvolve-se um conjunto farto de vegetações de forma a qualificar o passeio público entre edifícios. Adotam-se, para a constituição dos jardins, um conjunto arbustivo nativo, característico da zona de transição entre Mata Atlântica e Pampa. A disposição das espécies é realizada de forma a incentivar um crescimento autônomo e de baixa manutenção, conforme os ciclos naturais de dispersão das espécies. São lançadas mão de árvores nativas, apropriadas para arborização urbana e que promovam sombra e serviços ambientais adequados.



01 Diagrama /
Circulações do edifício

02 Diagramas /
Movimentos projetuais

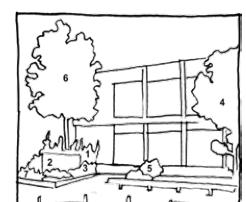
[01] Qualificação de volume cívico no edifício existente [02] Constituição de referencial entre o conjunto [03] Reorientação dos eixos de fruição do espaço público [04] Configuração dos vazios coletivos do edifício anexo

03 Corte transversal

04 Perspectiva do plenário

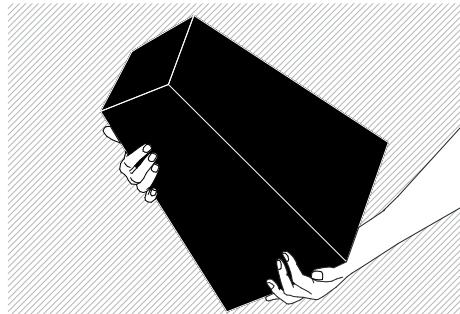
05 Perspectiva do
corredor de gabinetes

06 Perspectiva do
acesso ao
edifício existente



- [01] *Achyrocline satureoides* (macela)
- [02] *Aristida jubata* (capim-barba-de-bode)
- [03] *Cortaderia selloana* (capim-dos-pampas)
- [04] *Handroanthus albus* (ipê-amarelo)
- [05] *Ischaemum minus* (grama-vermelha)
- [06] *Myracrodruon balansae* (pau-ferro-do-sul)
- [07] *Rumohra adiantiformis* (samambaia-preta)

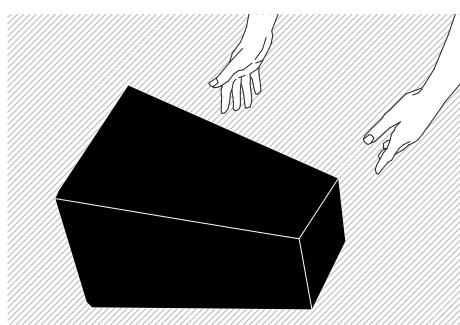
**MEMORIAL DA
FIOCRUZ SOBRE
A COVID-19**
**CONCURSO
PÚBLICO
NACIONAL**
Modalidade
**Projeto arquitetônico-
paisagístico**
Ano
2024
Local
Rio de Janeiro/RJ
Área de intervenção
2.503,30 m²
Coautoria

 Arthur Andrade
 Eduardo Westphal
 Estela Camillo
 João Paulo Serraglio
 Louise Serraglio
 Marcelo Regueira
 Miguel Mincache


Coautoria no desenvolvimento do projeto arquitetônico, desenhos técnicos, texto de apresentação e renderizações. Concepção do projeto paisagístico, especificação botânica, graficação de desenhos técnicos, diagramas e pós-edição das renderizações.

O que cabe a um/em um memorial?

Se faz do espaço um lugar de memória porque a história pede essa reverência, esse espaço de luto e também de desafogo, que persiste porque se manter na memória é um direito e é brutal a tentativa de apagá-la. Emurge a questão de como se traduz uma tragédia de dimensão nacional espacialmente em um espaço finito - um terreno:



Entre o chão e o céu e a copa das árvores, o que faz daquele terreno um espaço de memória?

O espaço do memorial, uma clareira, dedicado à memória da tragédia da pandemia de COVID-19 no território brasileiro. Neste terreno, emerge um espaço destinado à persistência de uma lembrança, de um luto e sentimento reticente de vitória e celebração da vida, um espaço que demonstra a ambiguidade do sentimento que permanece. O terreno é um lugar de memória porque dele nós o significamos, onde, pela suspensão do tempo exterior, as emoções podem ser vividas e coletivizadas.

A proposta é repleta de oscilações entre questões conceituais e espaciais. Conceitualmente o projeto evoca a falsa dicotomia entre cultura-ciência e natureza, sendo a saúde uma questão que nos aterra ao refletir nossa relação com o mundo natural. Em um momento de reivindicação do ar, a ação natural de inspirar e expirar foi disputada.

A tensão é materializada; chapas de aço escovado ancoradas a estruturas treliçadas são preenchidas pelo volume disforme construindo coletivamente. O volume é composto por esculturas anteriormente posicionadas no espaço; cujo desenho sugere que os visitantes as carreguem pelo jardim, eventualmente alocando-as entre as barras metálicas. O jardim articula o encontro do preeexistente com o objeto inserido, fazendo uso de espécies pertencentes à natureza do lugar, e o desenho segue o traçado das ondas imaginárias que emergem concentricamente do lago e do objeto: geratrizes do desenho.

O interior do objeto

O círculo é um símbolo de ajuntamento e reunião, também cercamento e enclausuramento. A estrutura circular do objeto possui um contraste entre sua parte externa e interna. A chapa de aço escovado é um plano reflexivo difuso que aponta para outro lugar, elevando o olhar. A situação imersiva que o cercamento pelas placas proporciona garante a dimensão etérea da obra, desmaterialização necessária para a reverência ao luto. O espaço interno, em contraste com o ambiente externo, possui características imersivas e virtuais; a chapa, assim como a água do lago, são superfícies que compartilham de uma virtualidade, que refletem uma imagem que nunca se mostra fiel à realidade.

Entre as ondas do lago e o tratamento do aço, a condição da dissonância da realidade se mostra, fazendo alusão ao momento de atenuação do limiar entre real e irreal.

¹ BRESSON, R. *Notas sobre o cinematógrafo*. São Paulo: Iluminuras, [1975] 2008.

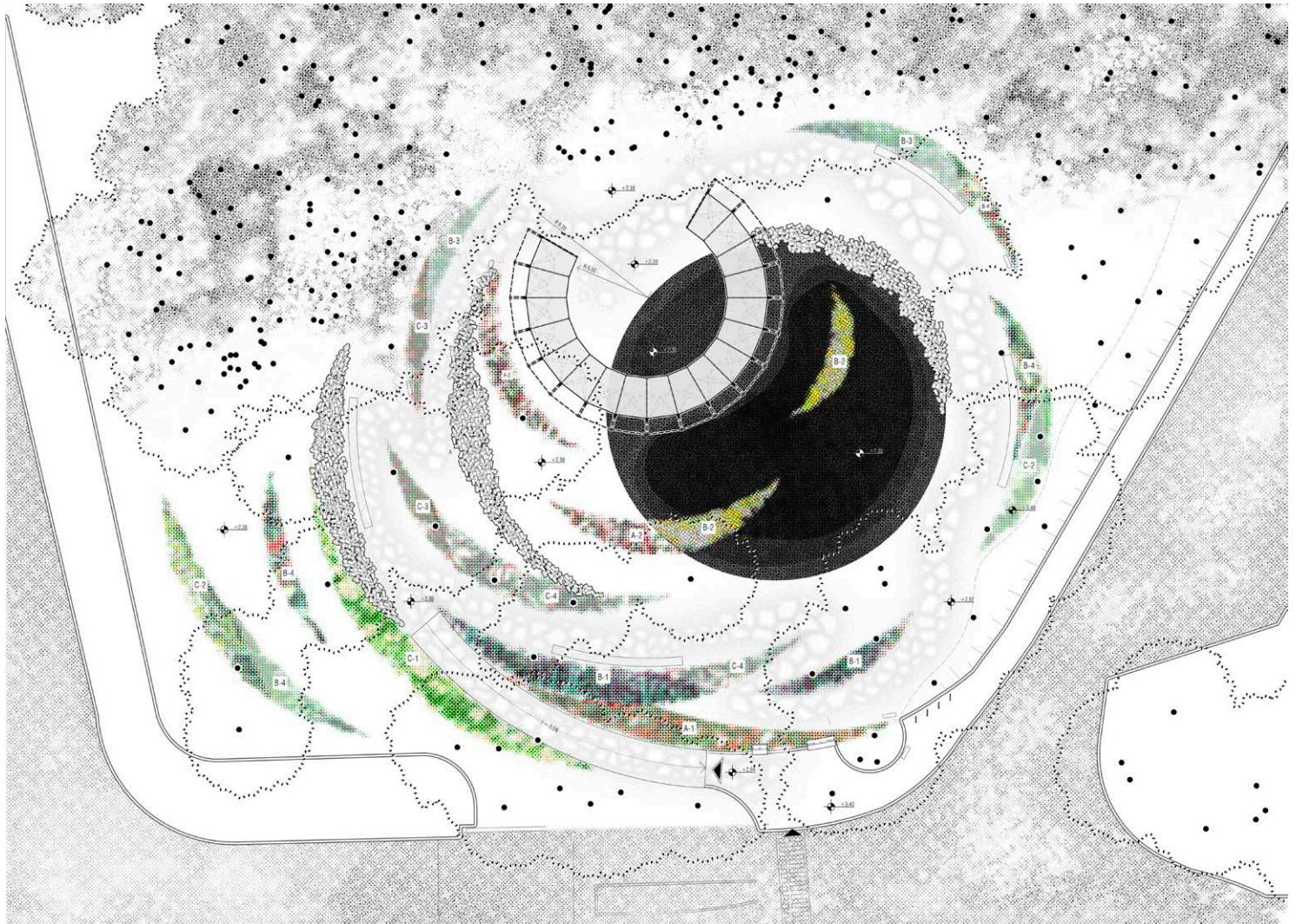
"Traduzir o vento invisível através da água que ele esculpe passando"
(Bresson, 1975)



s/e

Perspectiva de
acesso ao objeto

O lago também se torna círculo. Do objeto circular e do lago, ondas imaginárias emergem: o gesto traduz uma narrativa oculta sobre a interação entre forças invisíveis. Ocorrem pontos de choque entre as ondas da reverberação insinuada que permeia todo o espaço. As interferências se tornam traços, desenhos de cheios e vazios, soma e cancelamento dos impactos. As características mecânicas ordenam a paisagem e o desenho resultante interloca o preexistente com o objeto inserido. Do desenho só resta representar o invisível, insinuar o indizível e aproximar o intangível - a realidade a que prestamos memória.



0	3	6	9	15	27 m
---	---	---	---	----	------

Planta de implantação
e paisagismo



- [A1] *Abutilon striatum* (lanterna-chinesa)
- [A2] *Alcantarea imperialis* (bromélia-imperial)
- [B1] *Ctenanthe setosa* (marantão)
- [B2] *Cyperus giganteus* (papiro)
- [B3] *Dichorisandra thrysiflora* (dicorisandra)
- [B4] *Heliconia bihai* (pássaro-de-fogo)
- [C1] *Pereksia aculeata* (ora-pro-nobis)
- [C2] *Philodendron bipinnatifidum* (guaimbê)
- [C3] *Schwartzia brasiliensis* (norantea)
- [C4] *Stromanthe sanguinea* (maranta-sanguínea)

O projeto de paisagem responde à reverberação insólita do monumento frente ao lago. O choque entre ondas marca os pontos de florescimento, que criam a massa e balizam o percurso a partir de uma suave rampa. O conjunto propõe uma nova extensão de dilatação do tempo, onde ciclos se sobrepõem - em um sentido, a dança das peças entre seus canteiros até a proteção do objeto circular abre novas clareiras para a integração humana; em outro, as espécies criam um caminhar paulatino com florações que pulsam em um vai-e-vem geocêntrico ao longo das estações; por fim, o aspersor submerso ao centro do lago

irradia continuamente as linhas geratrizes do desenho. As espécies, nativas e produzidas no Horto Fiocruz Manguinhos, colaboram com o movimento estendido da paisagem.

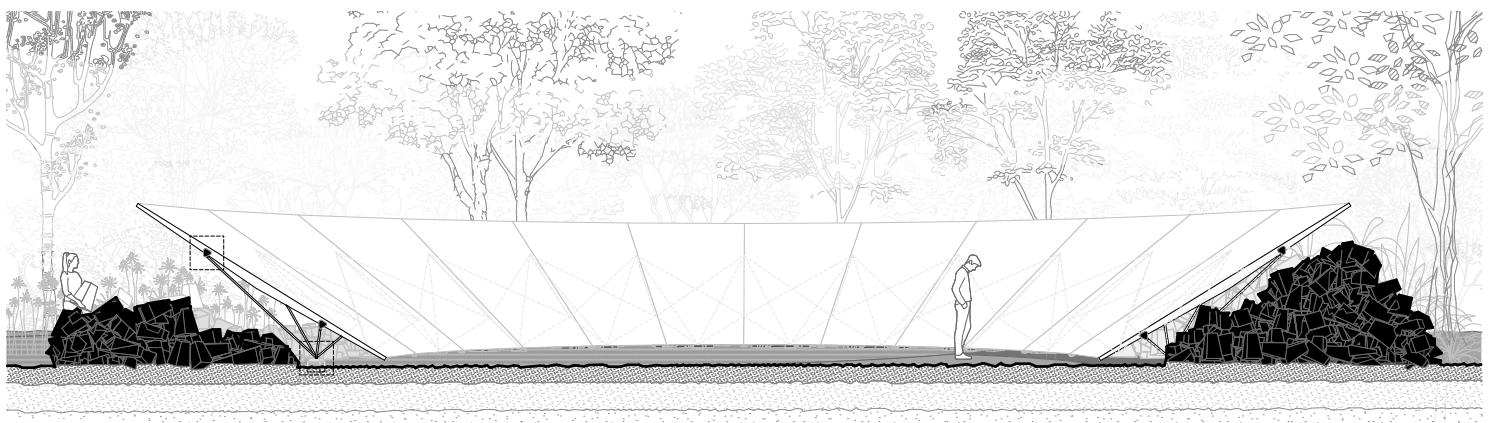
O aumento de seu porte, como uma onda crescente, realça a composição do choque entre matérias, ao mesmo tempo em que prepara o sítio para a travessia entre contextos: da suspensão do tempo à densa mata nativa, à turbulenta avenida e ao vasto campus da Fiocruz.



s/e

Perspectiva de
acesso ao memorial
em dois momentos

O objeto é inaugurado vazio, o volume que o preenche é feito de elementos escultóricos espalhados pelo terreno e é aberto o convite ao visitante para a construção do memorial. As peças fazem referência a componentes de molhes - objetos escultóricos pré-moldados presentes nas paisagens litorâneas que trabalham permitindo a construção de uma enseada artificial ao distribuir a energia das ondas.



0	.8	1,6	2,4	4	7,2 m
---	----	-----	-----	---	-------

Corte perspectivado

BENJAMIN, W. *Escavar e recordar. In: Imagens de Pensamento. Belo Horizonte: Autêntica, [1931] 2017.*

As peças podem ser carregadas por uma pessoa, pois são constituídas de concreto com agregado leve, preferencialmente de origem de reuso. Sua moldagem é feita em fôrmulas metálicas, com uma tampa na extremidade menor fixada por meio de pinos com cunhas, que pode ser removida para facilitar a desmoldagem. Esses elementos agregam uma dimensão temporal e colaborativa para a obra, manifestam o luto compartilhado e a reconstrução coletiva e possível.

É um gesto conceitual, da construção do objeto surgem também escavações. Mudar “terra” de um lugar para outro -

algo se constrói e algo se descobre, se redescobre o território e a própria memória.

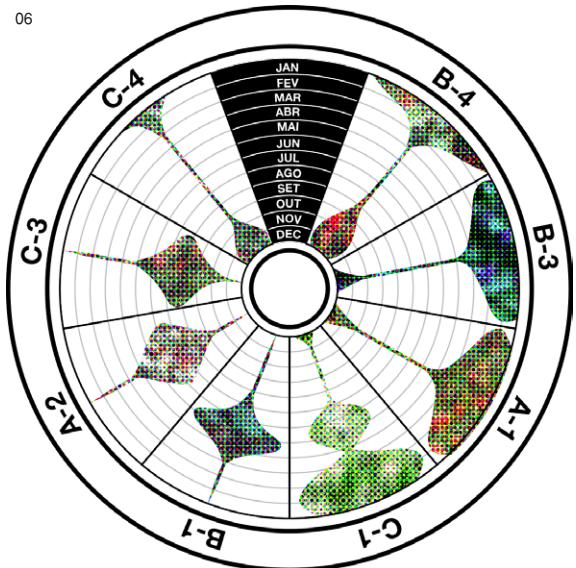
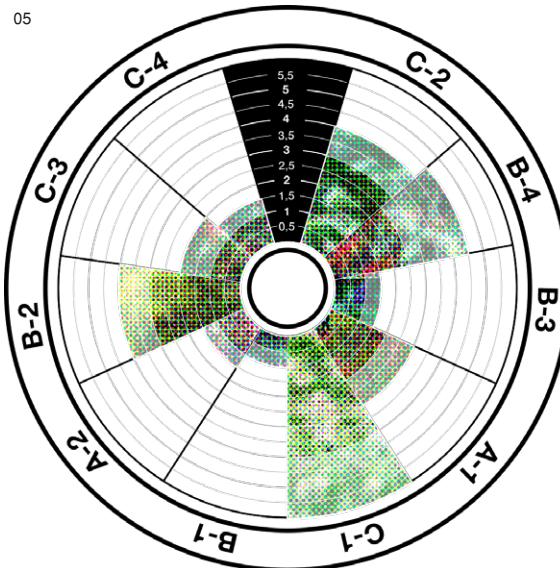
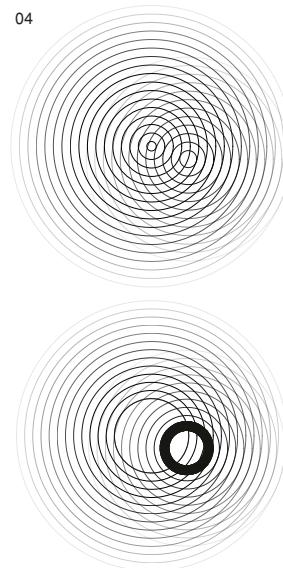
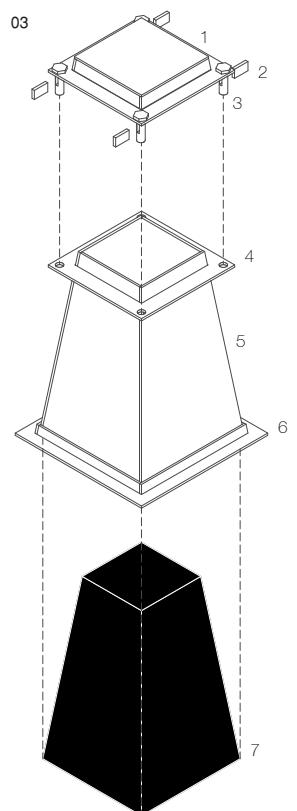
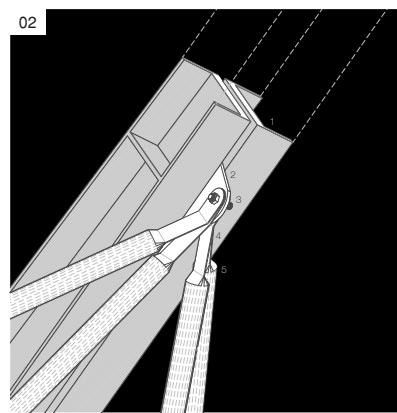
“Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvé-lo como se revolve o solo.” (Benjamin, 1931)



s/e

Perspectiva interna
do objeto

No acesso à rampa, um conjunto de totens em chapas dobradas de aço, fixadas em bases corridas de concreto, dá suporte às informações sobre o memorial. Também próximos à rampa ficam os paracicos em trave. Os principais elementos do mobiliário são os bancos curvos, em módulos de concreto intercalados, ora simples, ora com assento e encosto em madeira. Esses módulos são dispostos de acordo com as curvas/ondas que compõem o paisagismo. Postes baixos em alumínio fundido, com cúpula cilíndrica e difusor iluminam o chão em áreas estratégicas, considerando o funcionamento estritamente diurno do memorial.



0	8	16	24	40	72 m
---	---	----	----	----	------

01 Planta de situação



0	8	16	24	40	72 cm
---	---	----	----	----	-------

03 Isométrica / fôrma de molde da peça

0	5	10	15	25	45 cm
---	---	----	----	----	-------

02 Isométrica / estrutura das placas do objeto

[01] Perfil duplo tipo C de suporte das chapas [02] Placa de conexão [03] Barra rosqueada [04] Terminal de fixação [05] Tubo de aço 1" [06] Cone de fixação com luvas [07] Conector / nó espacial [08] Placa de fixação [09] Módulo de fundação em concreto

[01] Tampa [02] Cunha [03] Pino de cunha [04] Aba de encaixe dos pinos [05] Fôrma [06] Reforço da borda [07] Peça desmoldada

04 Diagrama de formas dissonantes do memorial

					s/e
--	--	--	--	--	-----

05 Gráfico de porte das espécies

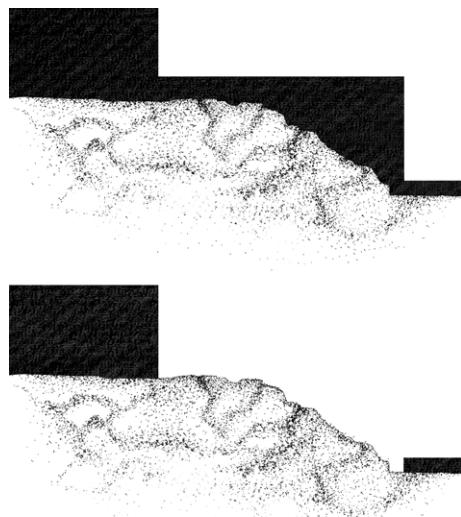
[A1] *Abutilon striatum* [A2] *Alcantarea imperialis* [B1] *Ctenanthe setosa* [B2] *Cyperus giganteus* [B3] *Dichorisandra thrysiflora* [B4] *Heliconia bihai* [C1] *Pereksia aculeata* [C2] *Philodendron bipinnatifidum* [C3] *Schwartzia brasiliensis* [C4] *Stromanthe sanguinea*

					s/e
--	--	--	--	--	-----

06 Gráfico de floração das espécies

					s/e
--	--	--	--	--	-----

CENTRO DE REFERÊNCIA DO ARTESANATO



ARANTES, O. *Cultura e transformação urbana*. In PALLAMIN, V.(org.). *Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002

BARDI, L. B. *Por que o nordeste?* In: *Tempos de grossura: o design no impasse*. Instituto Lina Bo e P. M. Bardi: São Paulo, 1994.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [1990] 2015.

Modalidade

Projeto arquitetônico
Restauro e ampliação

Ano

2021-2023

Local

Florianópolis/SC

Área de intervenção

1.440 m² (restauro/requalificação)
822,50 m² (ampliação)

Coautoria

Yuri Gheler

*Coautoria no desenvolvimento do projeto e elaboração dos desenhos técnicos.
Elaboração do programa, representação dos desenhos técnicos, esquemas, renderizações, isométricas e texto de apresentação.*

O centro fundacional de Florianópolis é indiscutivelmente locus de grande pujança cultural.

Sobre este fato se debruçam técnicos, estudiosos, entidades, e agentes privados, buscando esperançosos acerca de meios de ampliar este consenso aos fins que consideram coniventes. A reorganização dos sistemas culturais no centro mediante novas iniciativas de desenho e arquitetura – a monumentalização das rendas de bilro, a retirada parcial da pavimentação histórica, a transformação das brincadeiras típicas em logotipos para reestruturações corporativas – vem consolidando uma nova perspectiva da fruição da cultura por parte da população – e, com caros olhos dos agentes públicos e privados, dos turistas – para a área.

A ritualização destas manifestações culturais e do patrimônio arquitetônico, que se tornam símbolos para a elaboração de projetos de despejos, revitalizações urbanas violentas e reestruturações do perfil social do centro fundacional, se unem à rentabilidade corporativa em processos “de revalorização urbana – sempre, evidentemente, em nome de um alegado civismo”. (Arantes, 2002, p. 69). A cultura produtiva da cidade não se vê mais como fruto de uma necessidade extremamente particular e autêntica, como é o caso das produções dos habitantes de comunidades espalhadas ao longo dos 60km de extensão da ilha, mas de práticas “gratuitas” e “ineficazes” (Canclini, 2015, p. 113) como forma de neutralizar a instabilidade social do espaço urbano.

Multiplicam-se pela região as lojas de quinquilharias: os “1,99”, agora inflacionados, e as lojas de lembrancinhas, abocanham as casas de artesanato e obliteram a pegada do pé manequinho sobre a produção de sua identidade. Os museus do quadrante tombado também, felizmente, se multiplicam, mas perdem fôlego para uma constituição curatorial consolidada, destituídos de recursos financeiros, institucionais e artísticos para balizar a sedimentação cultural do espaço, convertendo “os objetos da história e da arte em monumentos cerimoniais” (Canclini, 2015, p. 46). Os espaços públicos são invadidos por meios de coerção social e repressão espacial, engaiolando as expressões coletivas espontâneas e organizadas.

“Quando a produção popular se petrifica em folklore, as verdadeiras e suculentas raízes culturais de um País secam: é sinal de que ‘interesses’ internos ou de importação tomaram o poder central, e as possibilidades de cultura autóctone são substituídas por “frases feitas”, pela ‘supina repetição’ e pela definitiva sujeição a esquemas esvaziados.” (Bardi, 1994, p. 20)

Há de cavarmos, no centro fundacional, perspectivas novas e antigas. Há de misturarmos as coisas: construir contextos completos para a produção existente, consolidá-la dentro de um cosmos urbano, disseminá-la enquanto parte integrante e basilar do trabalho humano. A utopia é, em última instância, devolver a ação ao povo: “não popularizar apenas o produto, mas os meios de produção” (Canclini, 2015, p. 138).



s/e

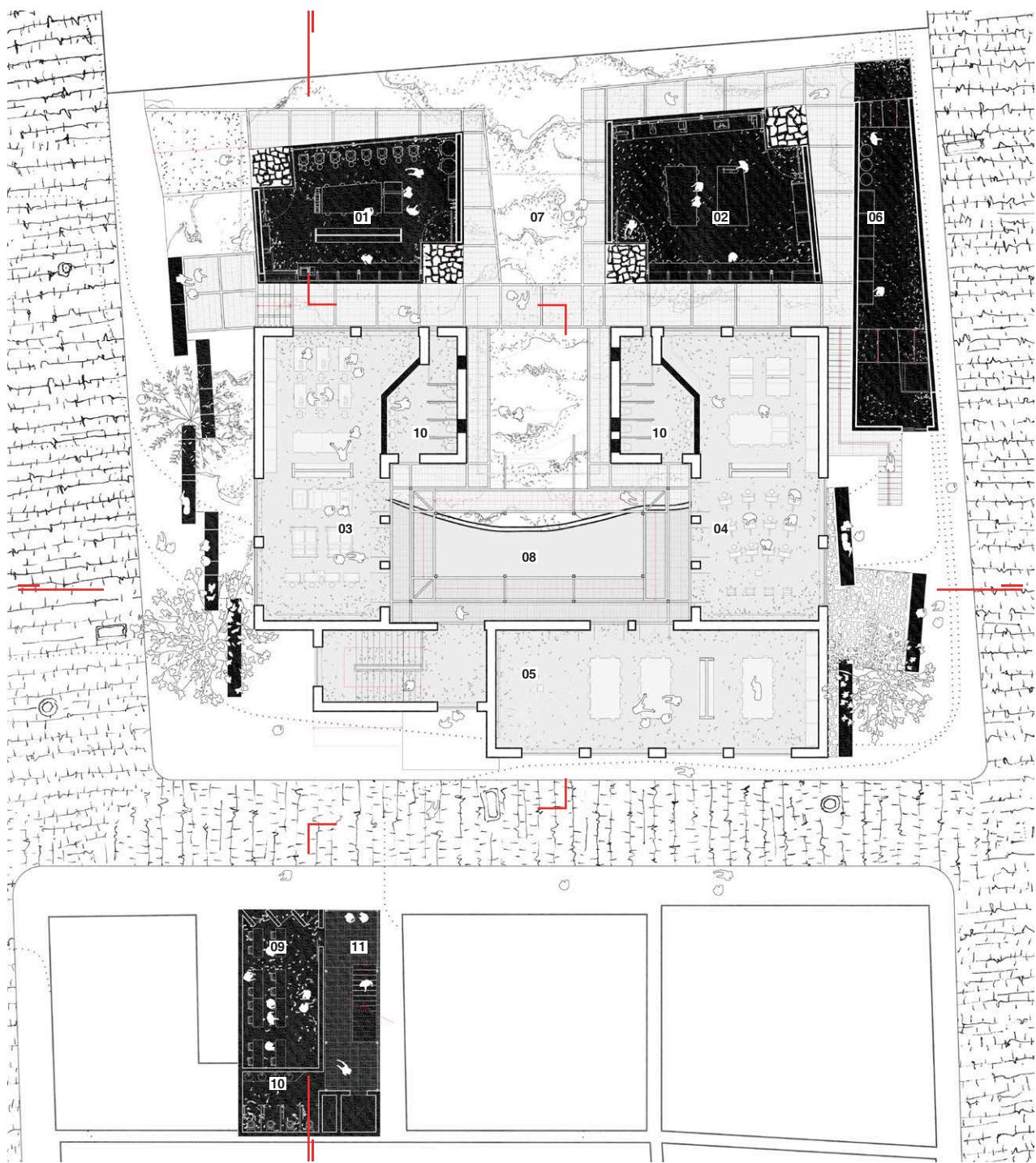
Perspectiva do modelo do conjunto

FREITAG-ROUANET,
*B. Vida Urbana e
Cultura. In: PALLAMIN,
V. (org.). Cidade e
Cultura: esfera pública e
transformação urbana.
São Paulo: Estação
Liberdade, 2002.*

Propomos uma dinâmica de contra-ocupação da região. Sobre a antiga Escola Antonieta de Barros, construída na década de 1940, enxergamos a possibilidade de constituição de novos sistemas culturais, coletivos, socialmente referenciados e justificados, possíveis de serem incorporados e revisados. Sobre ela e dois terrenos lindeiros propomos a construção do Centro de Referência do Artesanato como alternativa de “salvar os valores da velha cultura, não os abandonar, não ignorar esses valores, mas incorporá-los a uma nova forma, em uma nova simbiose, um novo sincretismo” (Freitag-Rouanet, 2002, p. 34).

O primeiro ato deste procedimento é uma escavação literal. Sob a escola e o terreno adjacente paira uma grande formação rochosa, que historicamente nomeou aquela área (o bairro da pedreira). Todo o contrapiso é retirado. A pedra passa a ficar completamente exposta, e sobre ela se constroem os anexos, soltos, conectados por um caminho suspenso.

O conjunto se estrutura em dois ciclos formativos. O primeiro acontece sobre um edifício desconectado da escola, onde se locam salas de aula para classes visando a compreensão conjuntural e autonomização das intenções particulares dos oficinados.



0 2 4 6 10 18 m

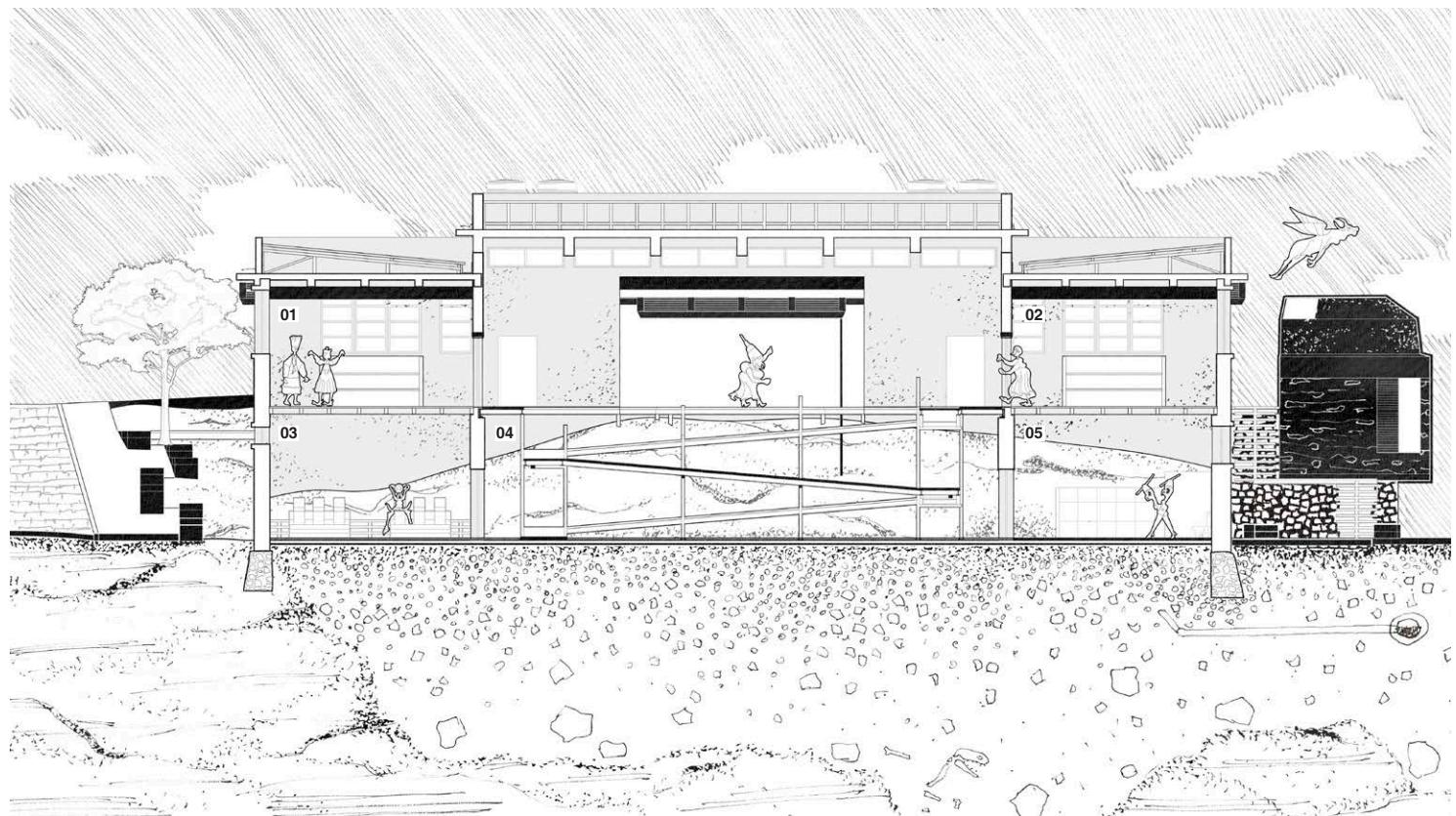
Planta /
Pavimento superior



- [01] Oficina de cerâmica [02] Oficina de marcenaria [03] Oficina de tecelagem [04] Oficina de pintura [05] Oficinas intermitentes
- [06] Depósito [07] Pátio sobre a pedra [08] Vão central [09] Sala de aula [10] WC [11] Varanda

O segundo ciclo se dá entre Antonieta de Barros e o terreno adjacente. Neste setor há um intenso processo de reestruturação. O pavimento comum é reorganizado de forma a criar cinco oficinas – três dentro da escola e duas construídas ao lado. As paredes demolidas da antiga escola são recondicionadas para a construção dos anexos. Ao lado das oficinas externas fica um depósito suspenso sobre a rua – acesso direto aos materiais de maior complexidade, que encontram rapidamente as oficinas externas. Entre os ciclos, se estrutura a quadra de ruas de paralelepípedo. Os acessos aos edifícios se dão impreterivelmente a partir

delas – não há estrutura suspensa que os conecte negando a rua e a urbanidade iminente da área. Cria-se uma esfera pública, coletiva, diáfana dos limites entre o espaço de ensino e o espaço de fruição. Estruturam-se uma oficina itinerante e quatro oficinas fixas: cerâmica, marcenaria, tecelagem e pintura. Uma cobertura em grelha protege os anexos e penetra a escola como forma de articular os espaços coletivos de convivência e circulação. A laje do salão central do edifício é demolida para dar lugar a um vasto vão, por onde passa a se articular a circulação vertical dos edifícios.



0	2	4	6	12 m
---	---	---	---	------

Corte transversal

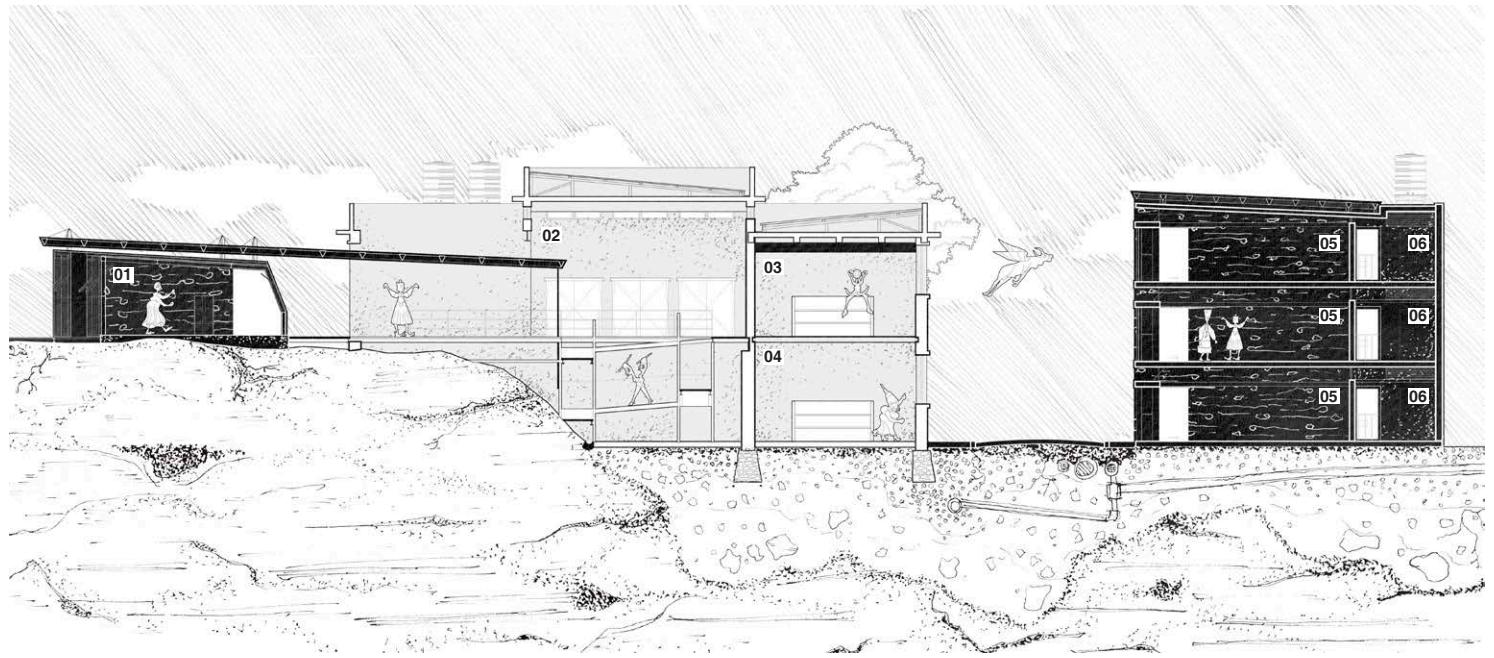
BENJAMIN, W. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In: *Magia e Técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, [1935] 1994.

LIMA, C.; JALLAGEAS, N. *Vkhutemas: desenho de uma revolução*. São Paulo: Kinoruss, 2020.

- [01] Oficina de cerâmica
- [02] Oficina de marcenaria
- [03] Auditório
- [04] Vão central
- [05] WC e vestiário

Os muros da escola são desmontados e reorganizados em pavimentação das calçadas, agora ampliadas, e construção de mobiliários urbanos que fortalecem a esfera pública do conjunto. Esta sugestão de estrutura organizacional busca tomar influência da composição programática da Vkhutemas, onde o ensino objetiva "despertar e desenvolver nos estudantes capacidades próprias, sensibilizando-os por meio de disciplinas propedêuticas e possibilitando novas experiências na apreciação da ocupação espacial e no desenvolvimento das formas adequadas às necessidades funcionais" (Celso; Jallageas, 2020, p. 148).

Não buscamos, portanto, a qualidade espacial para produção em massa do objeto condicionado: os vasinhos de barro, as rendinhas de bilro, as casinhas de madeira e as pinturinhas da Ponte Hercílio Luz sobre azulejos – ainda que não sejam invalidados e precisem ser compreendidos dentro de suas condições técnico-emocionais. Não buscamos uma "técnica da reprodução que destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido" (Benjamin, 1994, p. 168), pasteurizado e entregue sobre o pedestal da comercialização dos sistemas culturais tradicionais aos interesses escusos das parcerias públicas e privadas.



0	3	6	9	18 m
---	---	---	---	------

Corte longitudinal

BARDI, L. B. *Civilização do Nordeste*. In:

Tempos de grossura: o design no impasse.

Instituto Lina Bo e P. M. Bardi: São Paulo, 1994.

[01] Oficina de cerâmica [02] Vão central [03] Oficinas intermitentes

[04] Administração

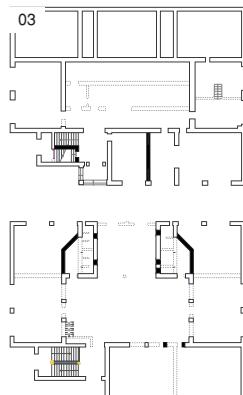
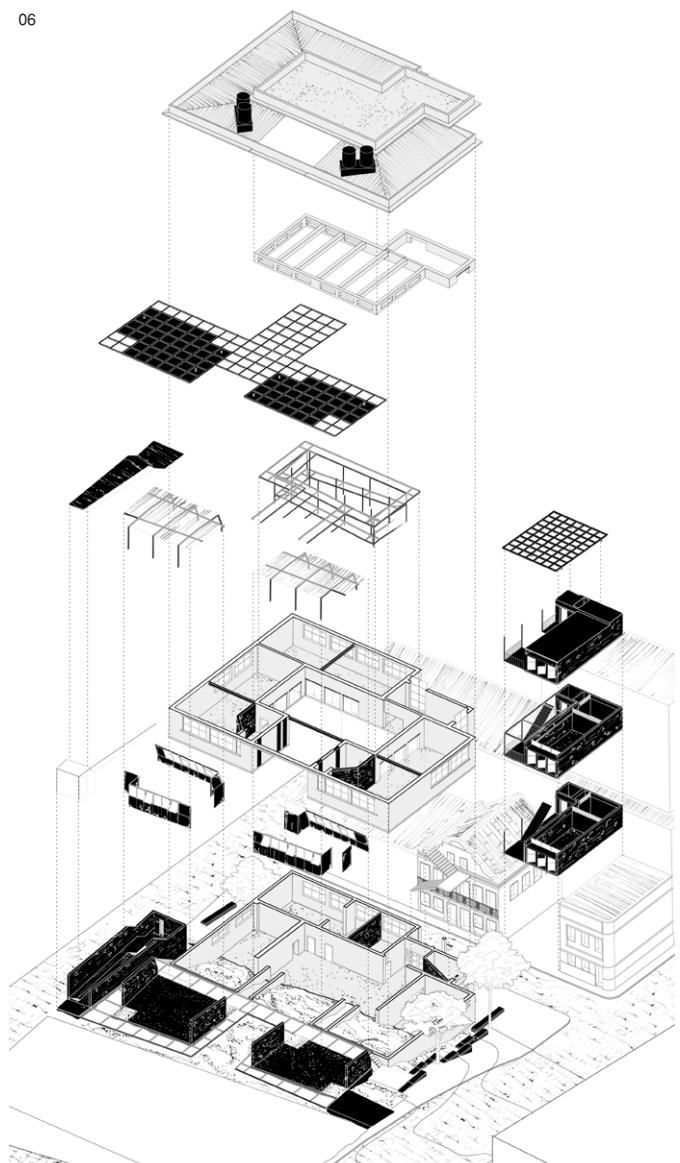
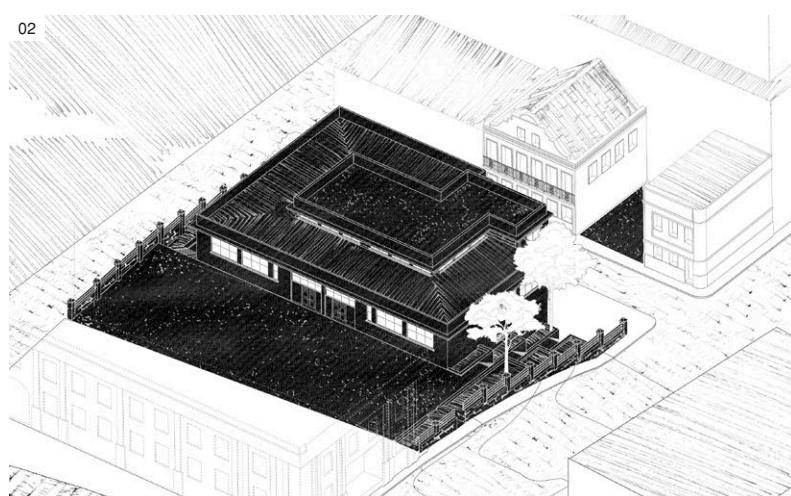
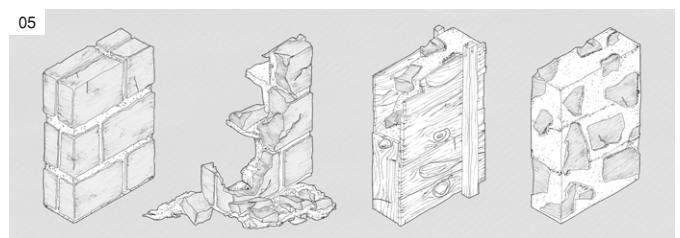
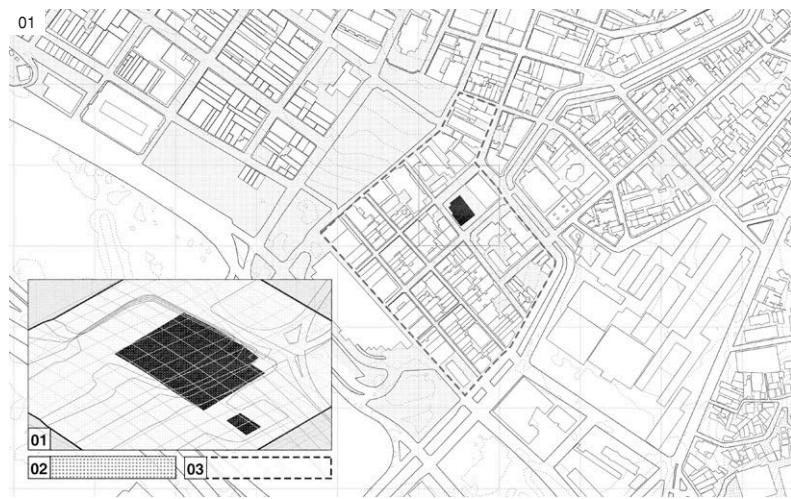
[05] Sala de aula

[06] WC e vestiário

ANJOS, M. *Local/Global: arte em trânsito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2005.

Buscamos um espaço que subsidie a nova produção coletiva, balizada pelo contexto e pela necessidade, mas que potencializa a formação para além da precariedade.

Projetamos sobre o pré-existente a continuidade de uma estrutura formadora, dessa vez de uma humanidade regional que não ignora o global, mas o incorpora e deglute às próprias verdades. Buscamos uma “atitude progressiva da cultura popular ligada a problemas reais” (Bardi, 1994, p. 37), que seja locus de uma “identidade cultural fincada em tempo e espaço específicos (também móveis) e em permanente estado de formação” (Anjos, 2005, p. 13).



0	25	50	75	125	225 m
---	----	----	----	-----	-------

01 Planta de situação

0	6	12	18	30	54 m
---	---	----	----	----	------

03 Planta construir-demolir / Primeiro e segundo pavimentos

[01] Topografia da quadra de implantação
 [02] Área de Interesse Histórico-cultural
 [03] Poligonal do antigo bairro da Pedreira

Demolir
Manter
Construir



0	10	20	30	50	70 m
---	----	----	----	----	------

02 Isométrica de situação / Escola Antonieta de Barros e terrenos vagos04 Perspectiva da maquete com cobertura destacada

0	6	12	18	30	54 m
---	---	----	----	----	------

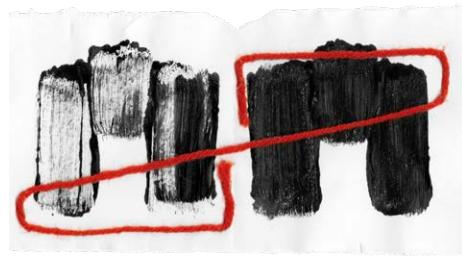
05 Esquema de demolição e reconstrução com tijolos maciços

0	6	12	18	30	54 m
---	---	----	----	----	------

06 Isométrica explodida

s/e

**CENTRO
UNIVERSITÁRIO
INTEGRADO**



O projeto para o Centro Universitário Integrado foi realizado ao longo de um ano. A primeira metade do processo teve como produto a elaboração do projeto de plano de ocupação da área determinada a nível de estudo preliminar ($39.041,90\text{ m}^2$). O recorte aqui apresentado consiste de um setor desenvolvido a nível de projeto executivo ($15.262,55\text{ m}^2$).

O Centro Universitário Integrado, composto neste recorte por dois dos cinco edifícios elaborados em estudo preliminar, visa uma ocupação do setor oeste da Universidade Federal de Santa Catarina condizente às necessidades de programa, densidade e ocupação do momento. Ele se situa sobre o lote onde hoje estão os - interditados para demolição - blocos modulados do CFM, complexo pavilhonar construído na década de 1970.

O programa básico destes edifícios compreende:

Embasamento leste
Galeria de arte e gráfica de pequeno porte

Torre leste
Laboratórios de pesquisa e extensão básicos

Embasamento oeste
Centros acadêmicos e sindicatos realocados, restaurante de pequeno porte e bicicletário

Torre oeste
Laboratórios de pesquisa de grande complexidade, que requerem pavimento técnico

O desenho do embasamento cria um novo eixo, transversal entre as pontas das torres, responsável pela articulação da forma pública existente. Suas incongruências são perfuradas,

Modalidade

Projeto arquitetônico

Ano

2023-2024

Local

Florianópolis/SC

Área de intervenção

$15.262,55\text{ m}^2$

se necessário, e propõem-se portões que abram estes espaços de forma significativa. A relação formal, material e relacional entre torre e embasamento se descola quase por completo no plano físico, abrindo porta a uma integração mais interessante com a universidade - erro contínuo dos demais edifícios do lote, que verticalizaram ignorando as relações de baixo gabarito, importantes mas hoje insuficientes, que o campus desenvolveu desde o início, gerando certo estranhamento urbano. No solo, sobre este eixo transversal, caem as inclinações dos planos de piso em direção a uma longa abertura para microdrenagem coberta por seixo rolado preto com vazão para canteiros e gramados.

A intenção de criar autonomia e articulação ativa entre a fruição pública e a leitura visual do espaço, enquanto acúmulo de pré e pós-existências, norteou a adoção de sistemas diametralmente distintos no que tange a abordagem construtiva.

O embasamento, se contextualiza ao tempo do entorno, fazendo um comentário na insustentabilidade da *tabula rasa* e ao amplo espaço de lote que pode ser instrumentalizado durante o processo construtivo. São propostos fechamentos em tipologia de concreto ciclópico (armados e solidarizados ao concreto quando necessário estruturalmente) com uso dos entulhos de tijolos maciços provenientes da demolição dos blocos modulados do CFM. Os entulhos separados em classe A, cuja média de aproveitamento é de 70%, serão agregados de forma semelhante ao concreto ciclópico tradicional, compondo 40% do traço de agregados graúdos (na proporção de 1:3:1:4), reduzindo o peso da estrutura total e permitindo empenas com as dimensões e balanços desejados.



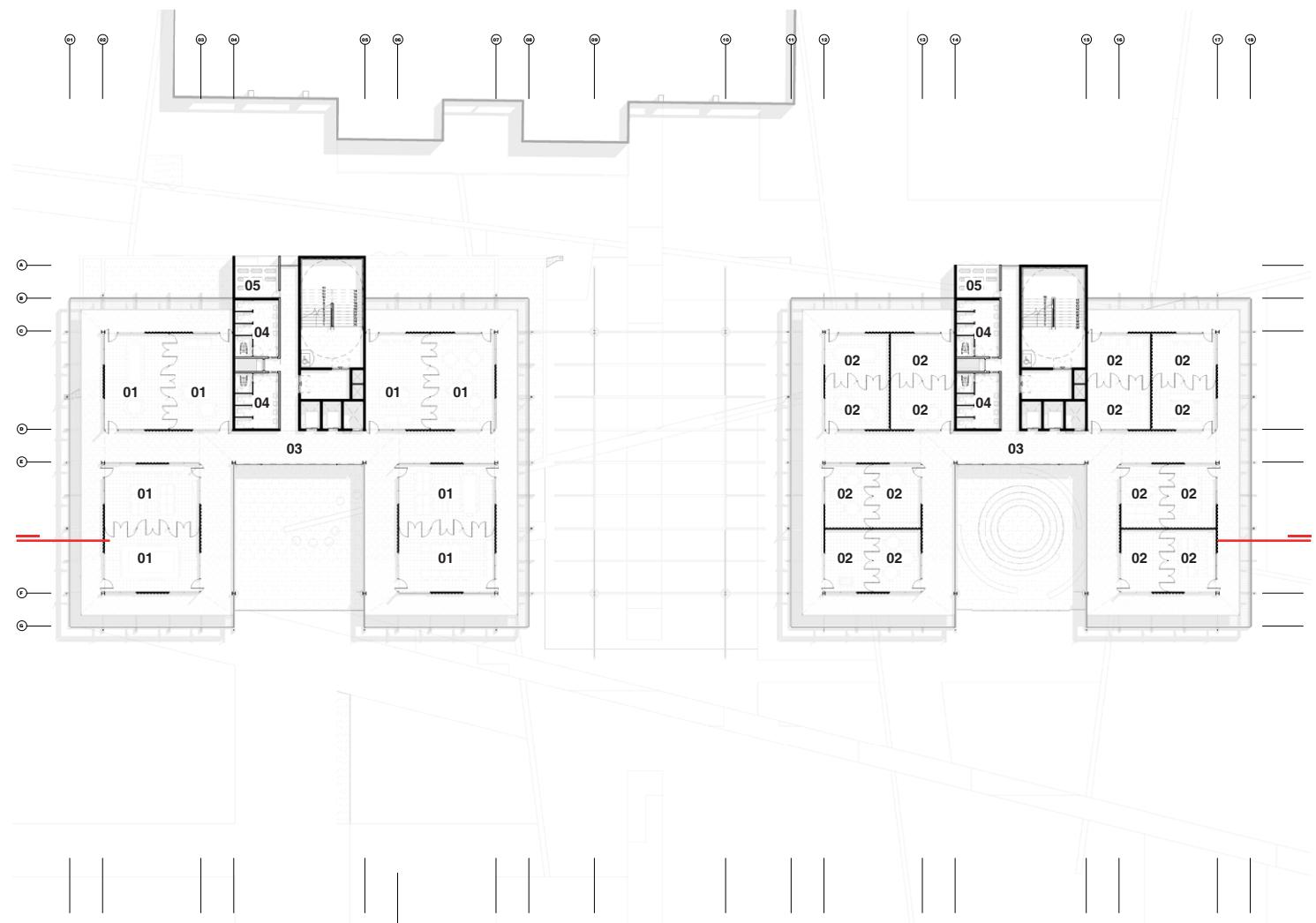
s/e

Perspectiva da entrada do conjunto

Respondendo aos perigos iminentes de uma obra em altura e ao litígio causado pelo procedimento bastante artesanal do concreto, o volume da torre é composto por vigas de aço, de alma maciça nos eixos estruturais ($12 \times 12 \times 3,60\text{ m}$). A subestrutura de sustentação dos steel decks tem alma castelada de forma a reduzir seu peso, aumentar a inércia e permitir a padronização do pés-direitos.

As longas varandas decompõem a estrutura visando uma esbeltez difusa, bastante dissonante do embasamento. A estrutura das vigas se divide em conjuntos de cantoneiras de abas desiguais com seção variável, que se

sustentam por um sistema de vagonamentos nas extremidades. Estes descarregam sobre um conjunto de tirantes presos a uma robusta estrutura em grid solta como coroamento.



0 4 8 12 20 36 m

Planta /
Pavimentos tipo
(r+18,00)

N

[01] Laboratórios de pesquisa e extensão de grande complexidade (com pavimento técnico) [02] Laboratórios de pesquisa e extensão de baixa complexidade [03] Espaço livre [04] WC [05] Área técnica



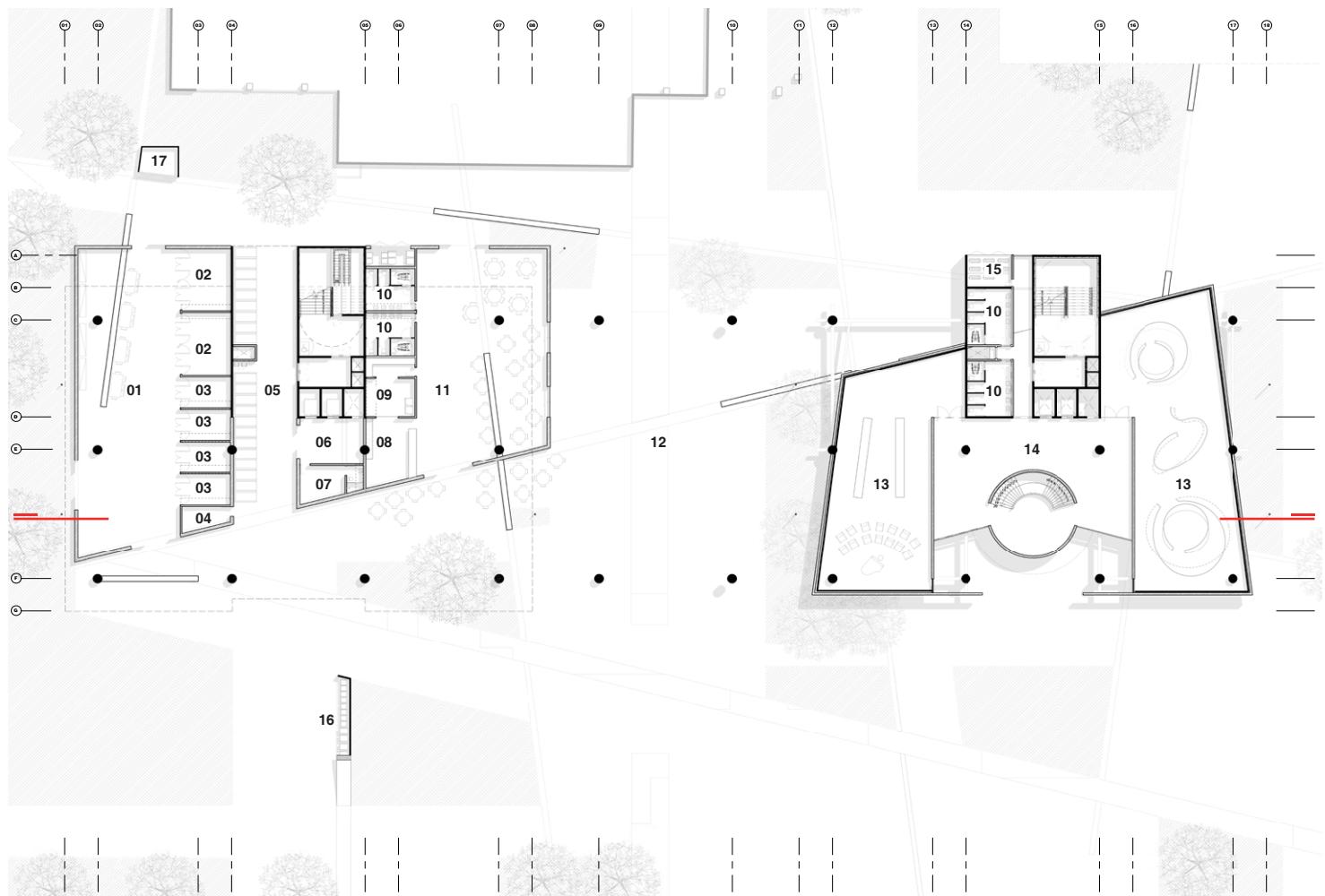
s/e

Perspectiva
da torre

Junto à estrutura de aço foi proposto um sistema de módulos pré-fabricados em argamassa armada, com peça básica de 30 cm de largura e variações em altura em 120 cm e 90 cm, arrematados nas extremidades por uma calha, também em argamassa armada. Estas medidas justificam a altura de esquadrias e dos três pés-direitos que compõem o projeto, bem como garantem que as peças sejam portáteis pelos operários - com pesos de aproximadamente 38 kg e 29 kg.

Para favorecer a inércia das peças encaixadas, optou-se por uma forma de

meio-hexágono vazado, que também permite a passagem de tubulação elétrica e hidráulica, caso necessário. As esquadrias de vidro, fixas e de correr, foram padronizadas a duas dimensões de folhas cada.

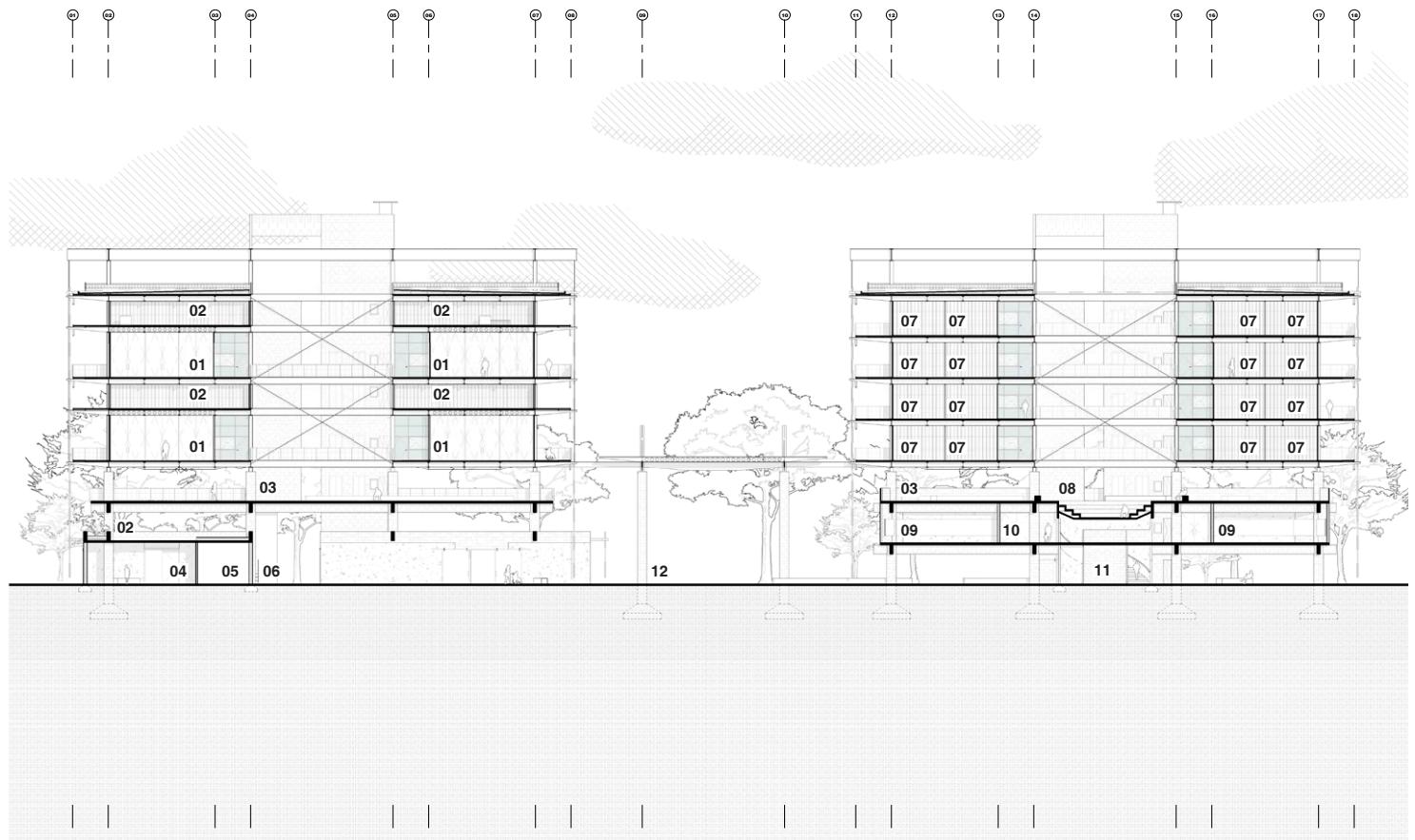


0 4 8 12 20 36 m

Planta / Embasamento
(r+3.60)

N

- [01] Salão [02] Sindicato [03] Centro acadêmico [04] DML [05] Bicicletário [06] Portaria [07] Sala de funcionários [08] Balcão [09] Cozinha [10] WC [11] Restaurante [12] Pavilhão aberto [13] Sala de exposição [14] Sala aberta [15] Área técnica [16] DLT [17] Central GLP

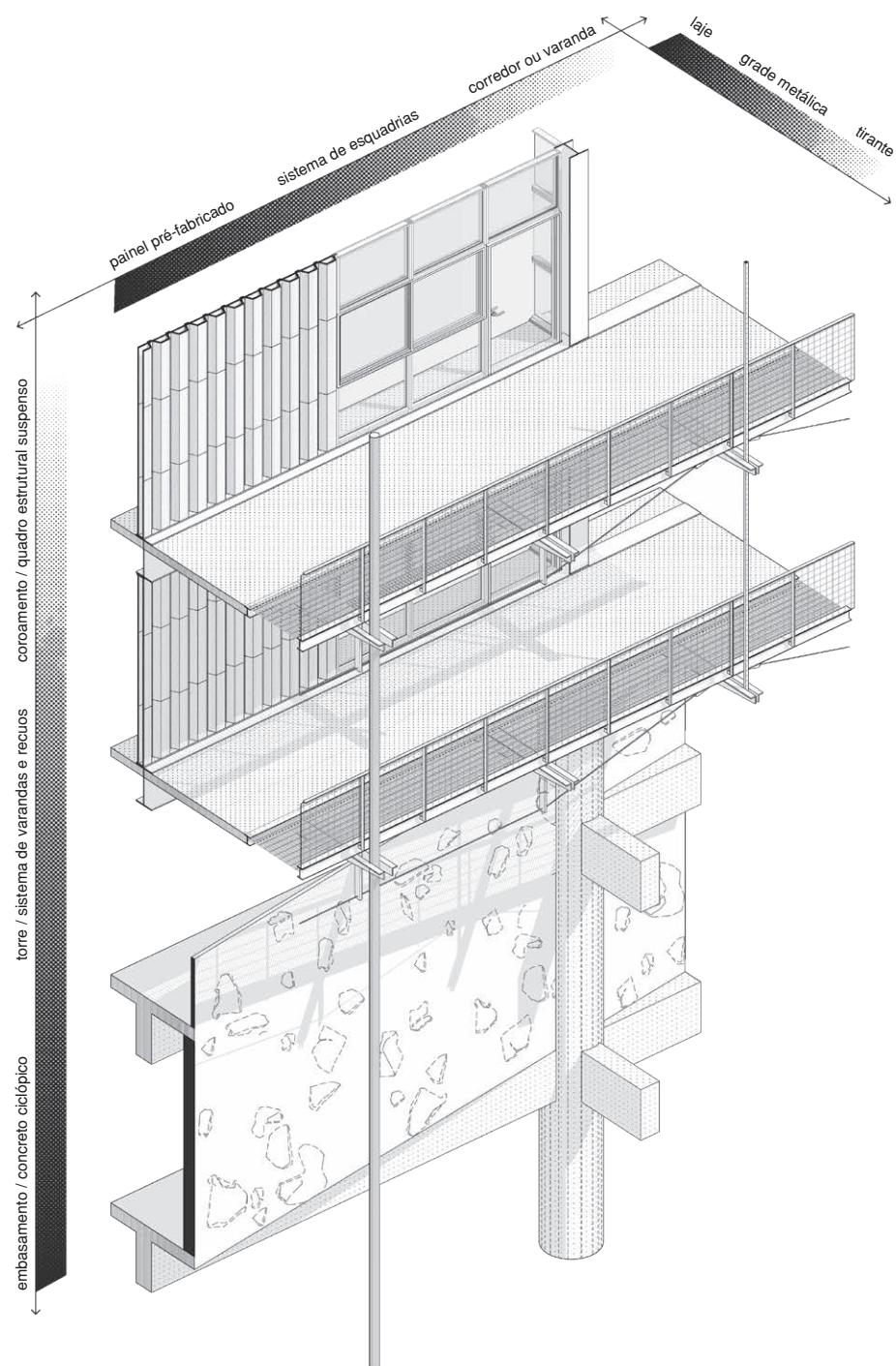


0 4 8 12 20 36 m

Corte longitudinal

N

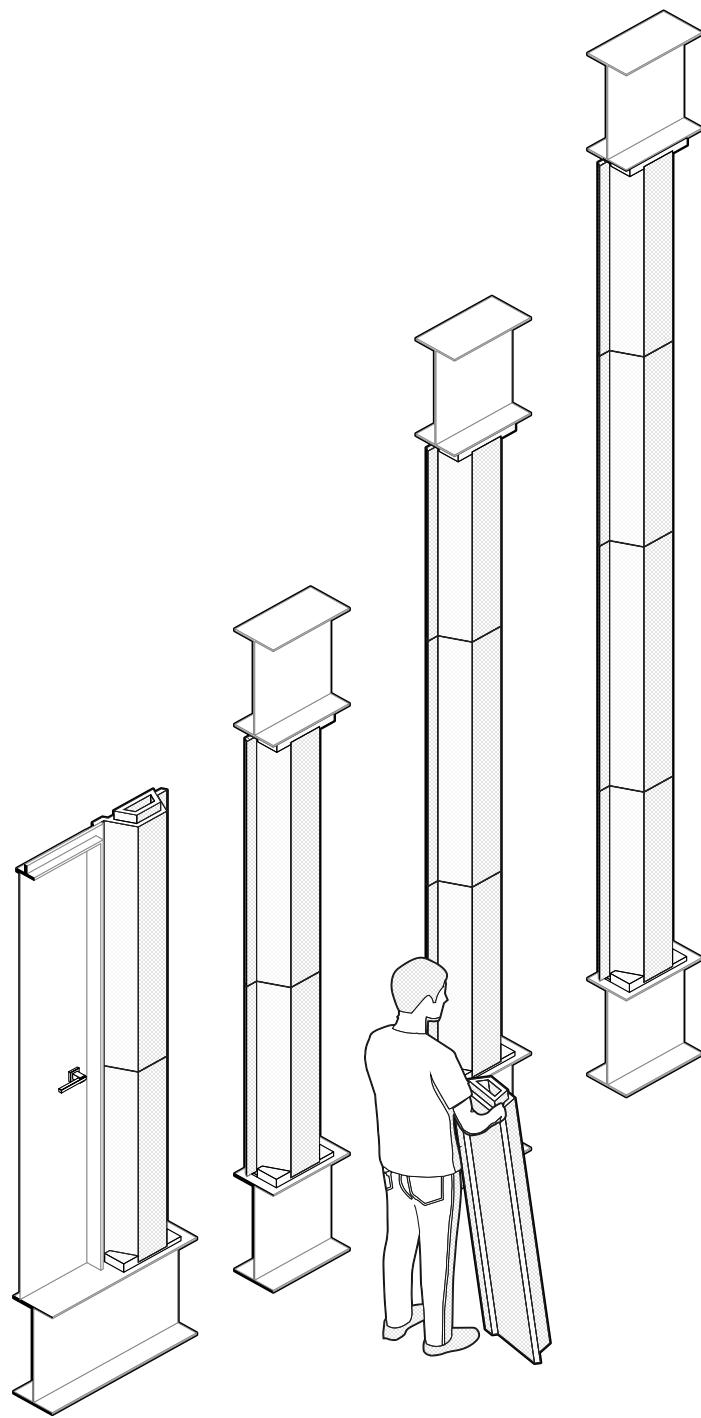
- [01] Laboratórios de pesquisa e extensão de grande complexidade [02] Pavimento técnico [03] Espaço livre [04] Salão [05] Centro acadêmico [06] Bicicletário [07] Laboratórios de pesquisa e extensão de baixa complexidade [08] Anfiteatro [09] Sala de exposição [10] Sala aberta [11] Gráfica [12] Pavilhão aberto



0	1	2	3	5	7 m
---	---	---	---	---	-----

Isométrica de pele

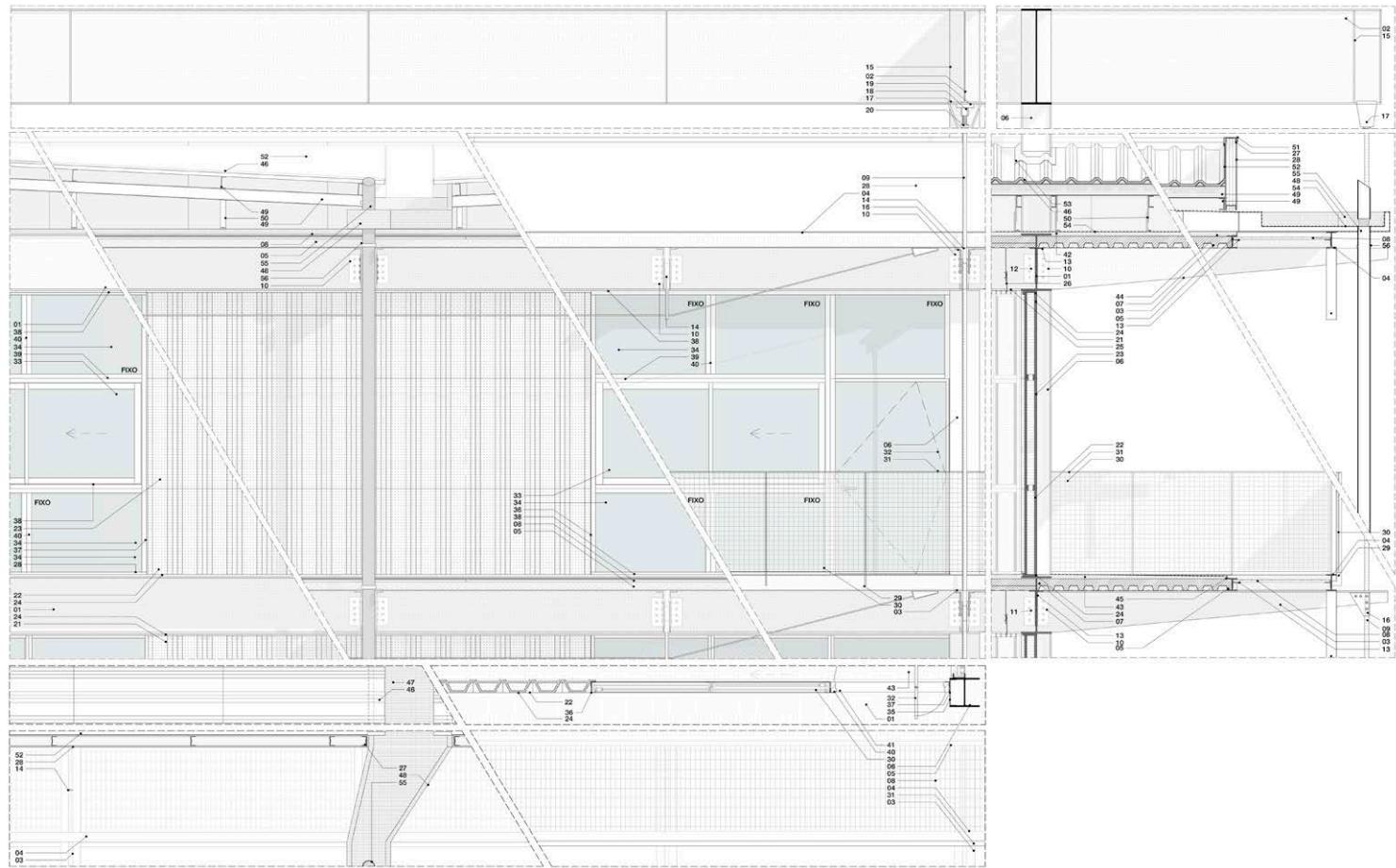
Relações de transparência e opacidade
e transição de leveza entre o núcleo do
edifício e suas extremidades nos eixos
horizontal, vertical e transversal.



s/e

Diagrama de
modulação dos painéis
pré-fabricados

Painéis fabricados em argamassa armada. Módulo linear de 30 cm e variações com altura de 90 cm e 120 cm. Na imagem, o pé direito das esquadrias e do pavimento técnico (90+120cm), do pé direito do módulo projetual (90+120+90) e do pé direito ampliado (90+120+90+90). A torre se define por dois pares de pé direito (270+450 e 360+360), que somados resultam em 720cm.



ESTRUTURAL [1] Viga metálica perfil soldado VS 600x300mm [2] Viga metálica perfil soldado VS 900x300mm [3] Seção dupla de cantoneiras de abas desiguais com seção variável separadas por enrijecedor $d_f=80\text{mm}$ [4] VViga metálica vagonada perfil soldado VS 170x100mm com montantes em barra chata [5] Viga metálica perfil soldado VS 130x100 [6] Pilar metálico em perfil CS 300x300x3000 [7] Laje steel deck em aço galvanizado MF75 e=130 [8] Módulo de grade metálica malha 30x100 eletrofundida parafusada sobre cantoneiras 980x1500 e=25mm [9] Tirante metálico barra quadrada 1,1/2" [10] Apoio angular com perfil L 120x120 parafusado e soldado com flange de apoio central [11] Apoio angular com perfil L 150x120 parafusado e soldado [12] Apoio angular com perfil L 195x120 parafusado e soldado [13] Cantoneira metálica de abas iguais 2.1/2" para apoio [14] Enrijecedor tipo barra chata 125x100mm soldado [15] Enrijecedor tipo barra chata soldado às mesas da vigia [16] Conjunto de chapas de gussel soldadas e parafusadas para solidarização das uniões do tirante [17] Cunha de ancoragem em aço galvanizado [18] Bloco de ancoragem do tirante em aço galvanizado [19] Placa de apoio do tirante em aço galvanizado [20] Porca de tensionamento do tirante

FECHAMENTO [21] Painel oco semi-hexagonal encaixe F-F pré-fabricado em argamassa armada 900x360x140 [22] Painel oco semi-hexagonal encaixe M-F pré-fabricado em argamassa

armada 900x360x140 [23] Painel oco semi-hexagonal encaixe M-F pré-fabricado em argamassa armada 1200x360x140 [24] Calha pré-fabricada em argamassa armada 300x140x30 para alocação dos painéis de fechamento [25] Forro metálico colméia 50X50X35mm sob pintura eletrostática tom creme RAL 9001 [26] Tirante e pendural metálicos [27] Montante metálico U enrijecido 90x30mm [28] Chapa metálica 1/4" [29] Espera de montante metálico inferior tipo barra chata 1/2" x 2" soldada [30] Malha de aço fixada sob batentes metálicos perfil U h=1100mm [31] Guarda-corpo em montante metálico vazado a ser encaixada e soldada na esperia h=1100mm

ESQUADRIAS [32] Porta pivotante com pivô embutido a 290mm, de painel de vidro temperado e caixilho metálico 1190x2050 [33] Janela de correr de duas folhas de 1190 mm com painéis de vidro e caixilho metálico 2380x1150 [34] Folha fixa de vidro temperado com caixilho metálico 1190 x 890 [35] Perfil U metálico para fechamento da seção do pilar 275x80 [36] Conjunto de cantoneira metálica de abas iguais 2" para fixação do contramarco unida à extremidade do painel de argamassa + contramarco em perfil U metálico 450x1150x45 [37] contramarco metálico em perfil U 450x1150x45 [38] Contramarco longitudinal em perfil U metálico 450x1150x45 [39] Contramarcos longitudinais intermediários de seção dupla de perfis U metálicos 450x1150x45 [40] Contramarcos transversais intermediários de seção dupla de

cantoneiras metálicas de abas iguais 2" [41] Soleira metálica embutida com espuma para pivô da porta 1190x105x30

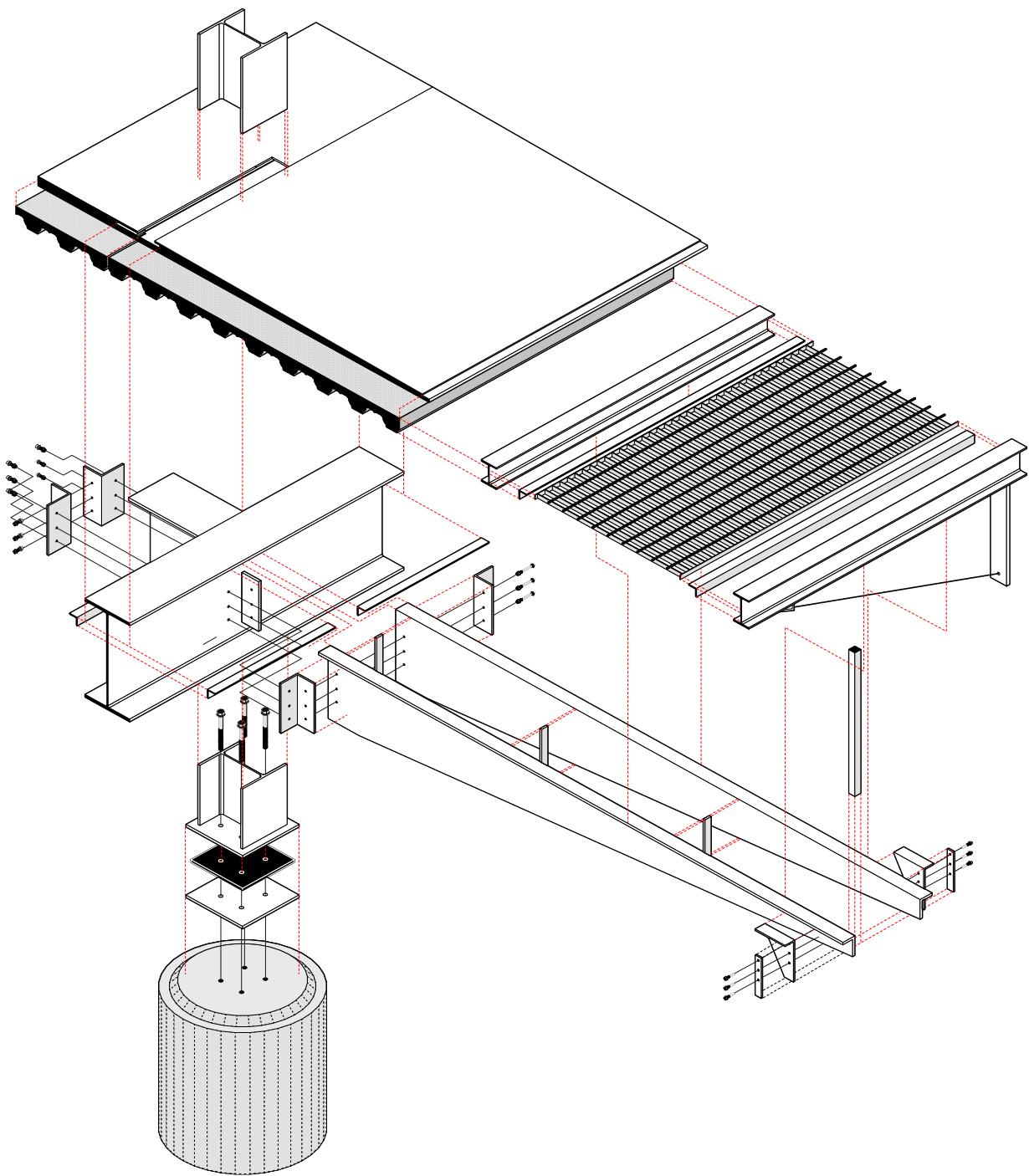
PISO [42] Camada de regularização em concreto usinado com armação em tela soldada [43] Camada de regularização em concreto usinado com armação em tela soldada e pintura epóxi cor verde grama RAL 6010 e=50mm (quando externo, previsto caimento perimetral de 1%) [44] Camada de assentamento da gárgula realizada junto à concretagem da calha [45] Cantoneira metálica de abas iguais 3/4" para arremate do concreto usinado

COBERTURA [46] Telha termoacústica trapezoidal [47] Calha de concreto moldado in loco sobre espuma da gárgula e pintura epóxi cor verde grama RAL 6010 e=50mm [48] Gárgula pré-moldada de argamassa armada com espaçador para chumbamento junto da calha e pintura epóxi cor verde grama RAL 6010 e=50mm [49] Cabro metálico perfil U 120x50 [50] Pontalete regulável de barra chata dobrada [51] Rufo com pingadeira em chapa galvanizada [52] Rufo de encosto em chapa galvanizada [53] Colarinho metálico para acabamento pilar-telha

DRENAGEM [54] Impermeabilização com substância hidrofugante à base de água [55] Tubo de queda metálico ø 125mm com pintura eletrostática na cor verde grama RAL 6010 [56] Abraçadeira metálica fixada em cantoneiras de abas iguais 2.1/2"

0	.5	1	1,5	2,5	4,5 m
---	----	---	-----	-----	-------

Épura e nó /
pavimentos tipo



0 ,2 ,4 ,6 1 1,8 m

Isométrica explodida /
Transição estrutural



A2

Caderno executivo do
projeto (29 folhas)

N 

Caderno executivo contendo desenhos
técnicos gerais (plantas, cortes e
fachadas em 1:250), projeto paisagístico
(1:250), memorial e desenhos técnicos
do sistema estrutural (1:400), memorial
e desenhos técnicos do plano de prevenção
e proteção contra incêndio (1:100),
memorial e planta de reservatórios (1:100),
detalhamento e esquemas dos sistemas
de vedação, épuras (1:25), e nós (1:5)

O QUE É ORDEM PÚBLICA?



¹ A instituição da lei de internação compulsória 11.134 põe institucionalmente em dúvida o paradeiro de pessoas em situação de rua e dependência química

BOAL, A. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. São Paulo: Editora 34, [1975] 2019

SENNETT, R. O. *Declínio do Homem Público: as Tiranias da Intimidade*. São Paulo, Companhia das Letras, [1974] 1988

Modalidade

Projeto arquitetônico
Performance

Ano

2024

Local

Florianópolis/SC

Área de intervenção

125 m (lineares)

Coautoria

Helena Zapelini
Michelle Zimmermann

Audiovisual

Otávio Hüntemann (fotografia)
Pedro Werlich (videografia)

Coautoria na pesquisa, desenvolvimento do projeto e execução da performance. Elaboração dos objetos cênicos, desenhos técnicos, ilustrações, pranchas e texto de apresentação.

No princípio, o teatro era o canto ditirâmbico: o povo livre cantando ao ar livre. O carnaval.

A festa. Depois, as classes dominantes se apropriaram do teatro e construíram muros divisórios. Primeiro, dividiram o povo, separando atores de espectadores: gente que faz e gente que observa. Terminou-se a festa! Segundo, entre os atores, separou os protagonistas das massas: começou o doutrinamento coercitivo! (Boal, 2019, p. 127)

Reconhecer as possibilidades e limites do projeto arquitetônico é imprescindível para a leitura de um ambiente que se visa transformar. Certos aspectos da convivência escapam à mão do espaço construído em sua materialidade e adentram o campo da subjetividade dos sujeitos que o ocupam. Há agenciamentos que operam entre o coletivo e o espaço imediato e se instrumentalizam como objetos de impedimento – não como cercas ou muros construídos, mas como comunicantes de uma mensagem semelhante a estes planos cerceadores. Combater as figuras de vigilância com espaços determinísticos pode ser complexo: um programa arquitetônico frequentemente falha em reconstituir a liberdade através do objeto estático porque esse pode ser rapidamente revisto e destituído por este agente móvel.

A instituição de agentes de “ordem pública”, como intitulados e identificados pela prefeitura municipal de Florianópolis, sublinham a tentativa de controle moral do uso do espaço público. Cidadãos sem poder de polícia passam a atuar, uniformizados, como agentes híbridos, que bambeiam higienicamente entre a abordagem truculenta da força policial e a

abordagem escusa dos agentes sociais¹. Propomos, assim, um jogo. Não um jogo rígido, legislativo e punitivo, mas um jogo sennettiano, onde a profissão do jogo é um procedimento espacial. Mais do que isso, a construção do jogo se coloca como projeto, digno de certa arquitetura, onde “o trabalho em cima da qualidade das regras do jogo é um trabalho pré-estético” (Sennett, 1988, p. 392).

O objetivo do jogo não é claro mas constitui um microcosmo claro. Possui começo e fim: inicia-se em uma ponta da praça e encerra-se em outra. Este jogo avança paulatinamente em um conjunto repetido de ações, que inscrevem um objeto físico sobre a praça e o destroem logo em seguida. Este procedimento se dá repetidamente, quantas vezes for necessário para completar o trajeto.

Três atores se revezam entre dois papéis, limitando-se temporariamente a uma função que não os pertence subjetivamente – ou seja, à aparência do personagem-sujeito – mas como portador de uma agência abstrata – um cargo, uma profissão, uma figura que oprime ou é oprimida e que representa um conjunto de indivíduos que se dispõe no espaço existente. O ator, portanto, “deixa de interpretar o indivíduo e passa a interpretar o grupo” (Boal, 2019, p. 146). As dinâmicas se dão através do chamado “sistema do coringa” de Boal, onde a interpretação de um problema é coletiva e sua solução também é. Os atores são facilmente identificáveis através de coletes, ainda que se valham dos recursos estéticos da palhaçaria (ou clown) como meio de dessubjetivação.

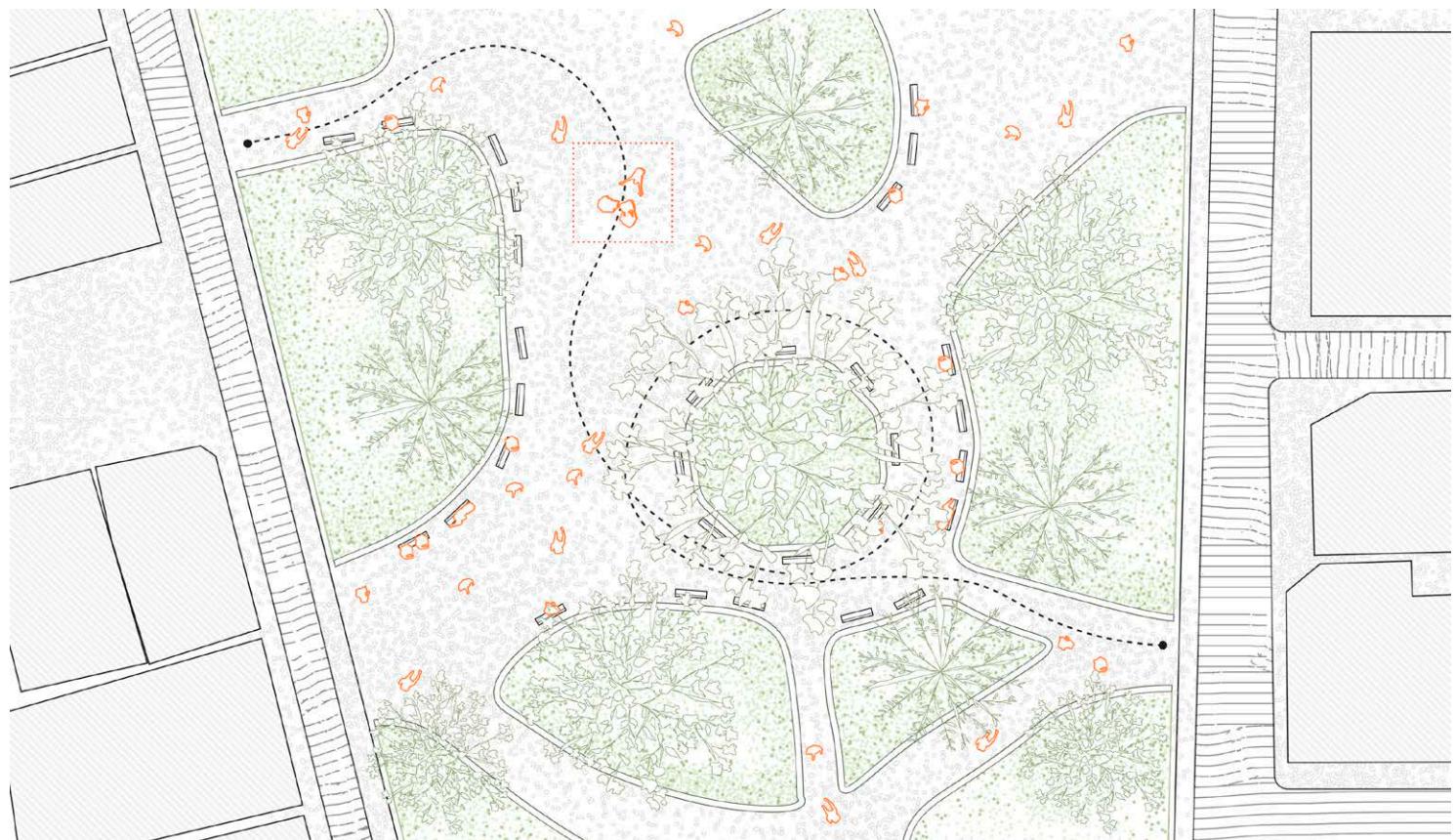


s/e

Sequência
performática

A ação é um ensaio de um futuro transgressor que se concretiza no imaginário. Sobre um estêncil [O QUE É ORDEM PÚBLICA?], “picha-se” pelo agente transgressor [DESORDEM PÚBLICA] o piso da praça com areia. Esta ação, primariamente um recurso que identifica o percurso da performance e a explica, é reprimida pelo agente fiscalizador [DES-DESORDEM PÚBLICA], que rapidamente varre a “tinta” e a deposita em um baldinho. Os atores avançam alguns passos e a ação se repete.

[01] Processo de transgressão [02] Avanço do percurso [03] Processo de repressão



0 5 10 15 25 35 m

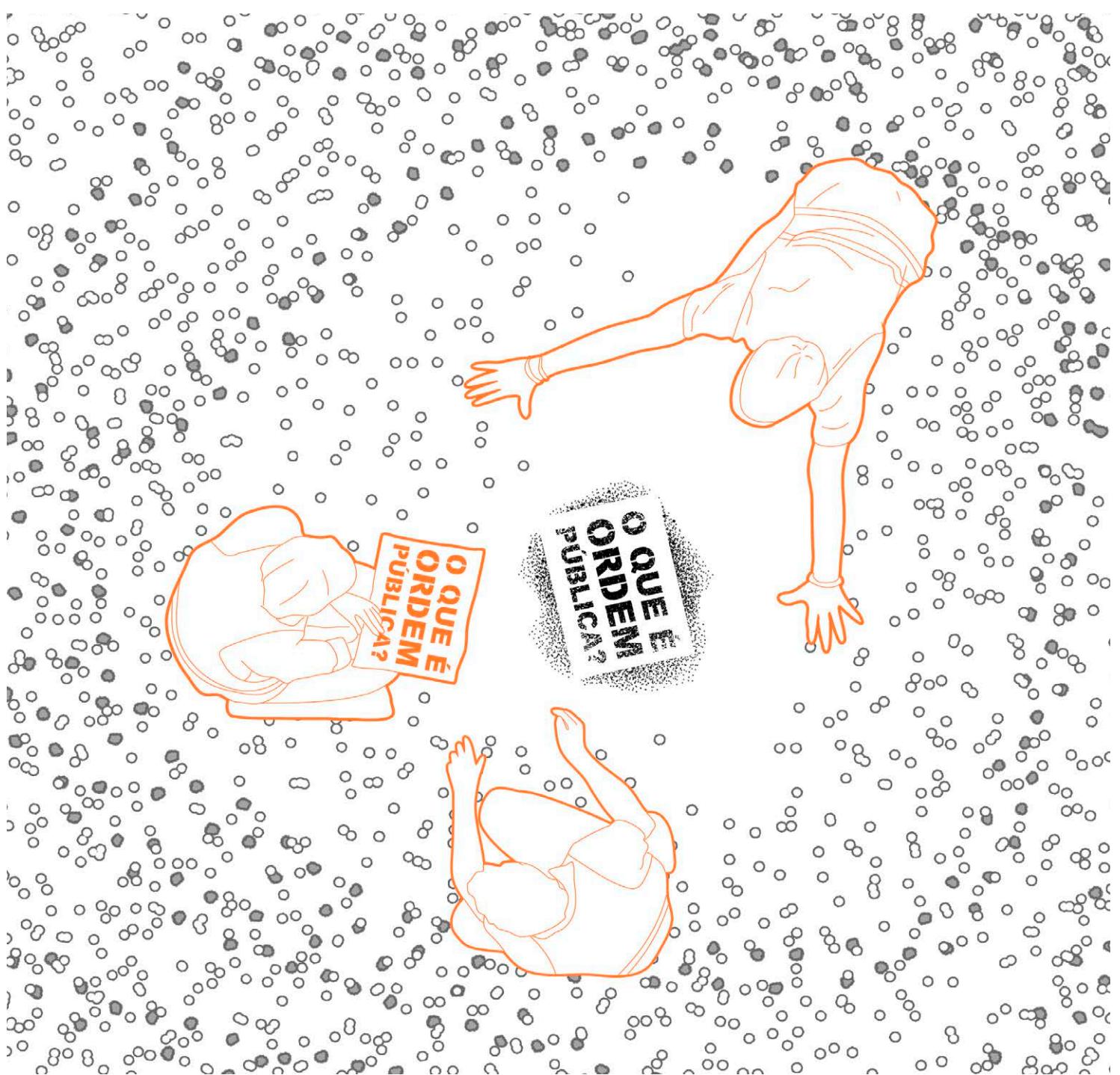
Planta de implantação /
Praça XV de Novembro

N

Trajeto

•-----•

Os espectadores são cooptados, à medida que se aproximam ou dão importância espacial ao percurso, sendo “convidados a ‘jogar’ e não a ‘interpretar’ personagens [...] mas é certo que jogarão tanto melhor quanto melhor interpretarem” (Boal, 2019, p. 140). São convidados a auxiliar na pichação – se engajando junto aos transgressores – ou a limparem o objeto – retirando a distância entre os sujeitos que vigiam e os vigiados. Essa participação se dá de forma transitória, adentrando e se retirando do espaço gerado pela ação com a mesma arbitrariedade.



0 4 8 16 24 40 72 cm

Planta de locação / os atores

N

Em sua volta, a realidade é colocada em suspenso pela fadiga. A ação se repete tantas vezes que se torna banal; o procedimento de vigilância passa do cânones ao arbitrário. O corpo dos atores se mecaniza ao extremo: constrói a ação repetidas vezes sem mudanças.

Em dado momento, suspende-se esta alienação de forma abrupta – uma brincadeira de pega-pega redistribui os papéis, que agora pertencem a diferentes atores. Seus corpos novamente se mecanizam, desta vez em um conjunto de ações que permanecem as mesmas ao nível do personagem, mas

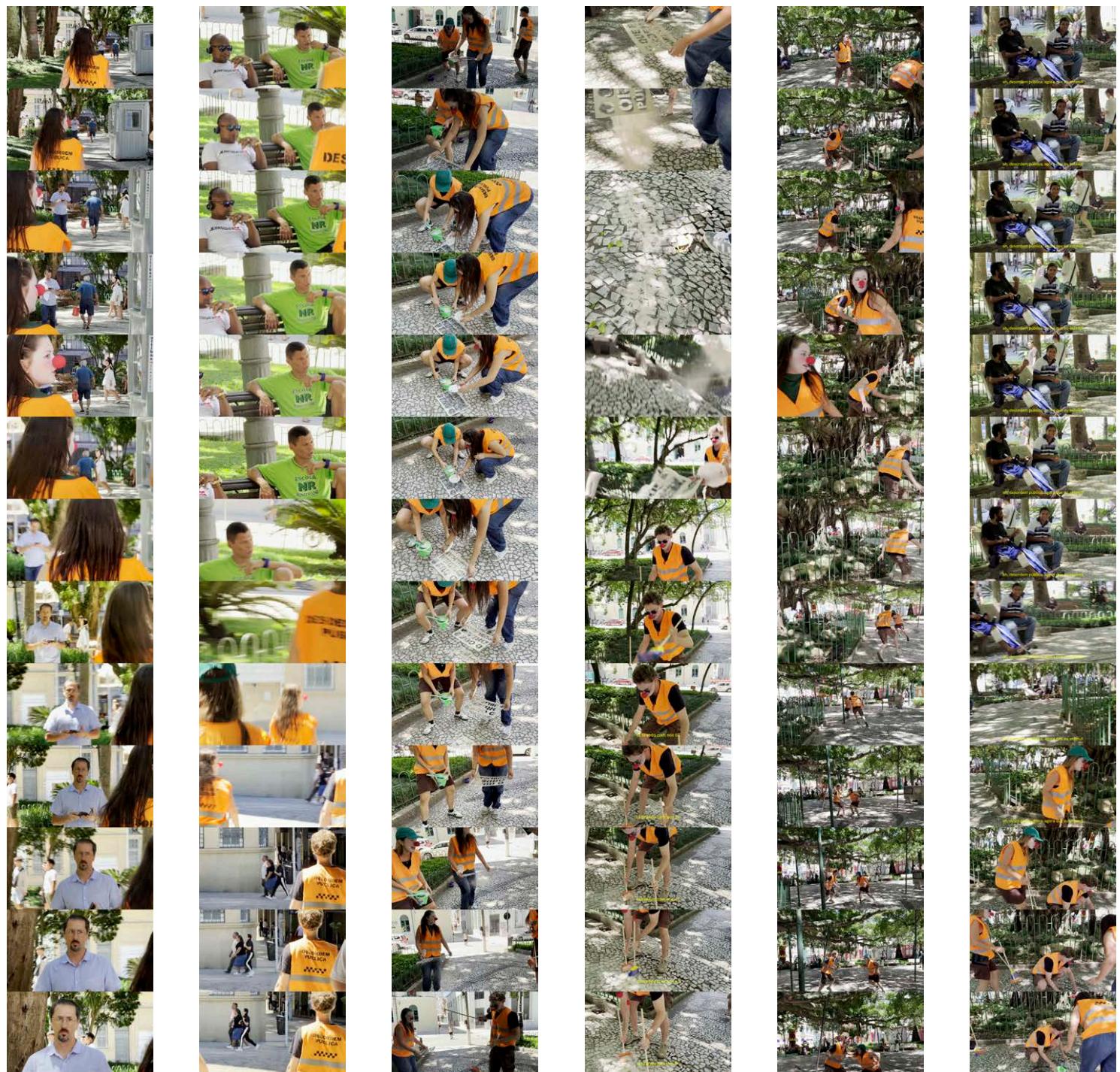
não do indivíduo. Dessa forma, “o adulto que joga não precisa se engajar no jogo como num mundo alternativo; os mesmo símbolos e significações do mundo não-lúdico podem ser mantidos, mas são submetidos a um processo de redefinição, de modo que seus efeitos sejam diferentes” (Sennett, 1988, p. 392).



s/e

Picho-areia em
processo de retirada

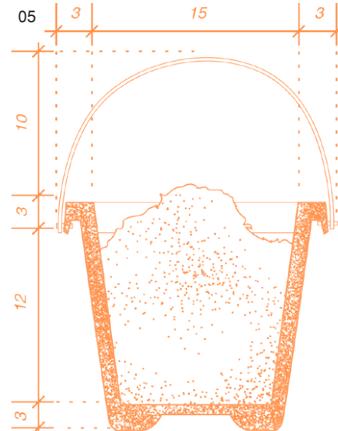
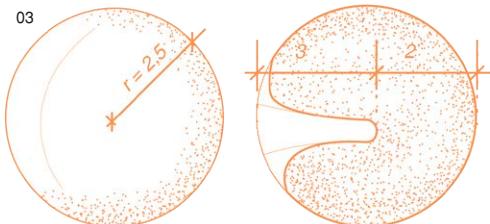
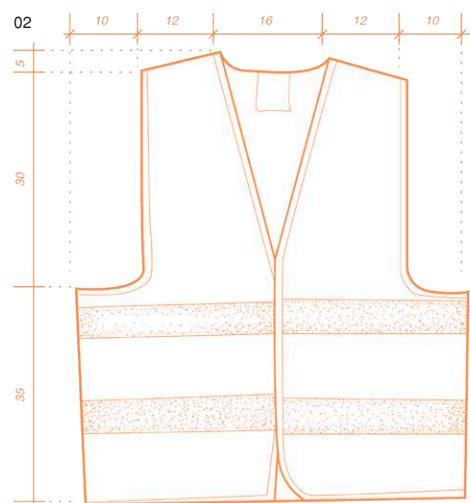
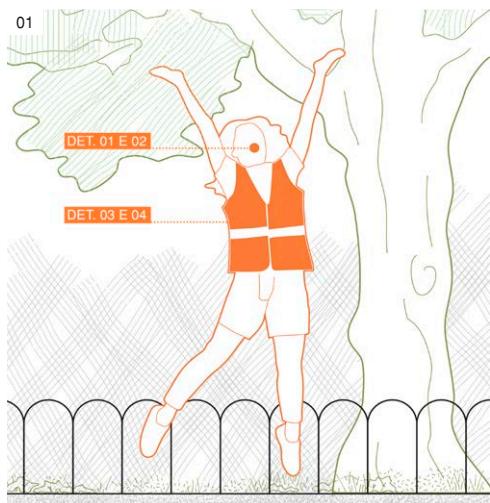
A arquitetura, e o projeto como recurso preparatório de uma ação sobre o espaço físico, deslizam suavemente do campo estático a um campo transitório. Ela passa a se desentender como objeto, deixando somente a intenção de avançar sobre um espectro submersivo e propositivo – mergulhador da realidade existente para construir novas possibilidades de relacionar os agentes do lugar. A atividade se inscreve no espaço de forma residual e se arrasta com o tempo, deixando um rastro virtual onde o limpo-sujo-limpo retorna, com muito estardalhaço, ao estado inicial.



s/e

Quadros-chave do projeto elaborado

[01] Desalienação pelo estranhamento [02]
Reação cômica [03] Processo de transgressão
[04] Processo de repressão [05] Pega-pega
dos agentes [06] Identificação e banalização



01 Diagrama /
Autor-palhaço

0 2 4 8 12 20 36 cm

s/e

02 Colete refletivo /
Vista frontal e posterior

0 4 8 16 24 40 72 cm

0 5 10 15 25 35 cm

s/e

03 Nariz de palhaço /
Vista frontal e
corte transversal

0 1 2 4 8 16 cm

0 8 16 32 48 80 144 m

s/e

04 Estêncil /
Vista frontal

05 Baldinho de areia /
Corte transversal

07 Processo de repressão

08 Pega-pega
dos agentes

06 Planta de situação

09 Processo de
transgressão

MAQUETARIAModalidadeProjetos comissionados
Análises projetuaisAno

2023-2024



Os trabalhos aqui selecionados e expostos visam reforçar as qualidades pedagógicas e visuais do fazer manual da maquetaria. Para tanto, foram escolhidos um trabalho comissionado para exibição em escritório e um exercício de análise projetual.

As dificuldades e procedimentos particulares engendrados pelo processo de produção de modelos são bastante singulares, permitindo uma assimilação não somente das qualidades projetuais dos arquitetos como também das qualidades espaciais pretendidas. As noções de escala, manifestação tectônica e modularidade complementam-se às operações poéticas - a compreensão da luz e sombra, da compressão e abertura, do vazio e do cheio...

Maquete de uma série de estudos de volumetria e materialidade do projeto FRAC Dunkerque (Lacaton & Vassal, 2013)



1:125

Praça Forte São LuísModalidadeProjeto comissionado
JA8 Arquitetura VivaAno

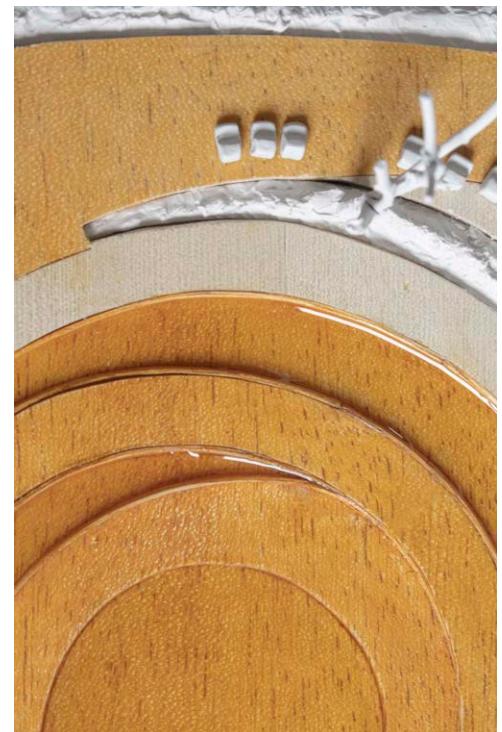
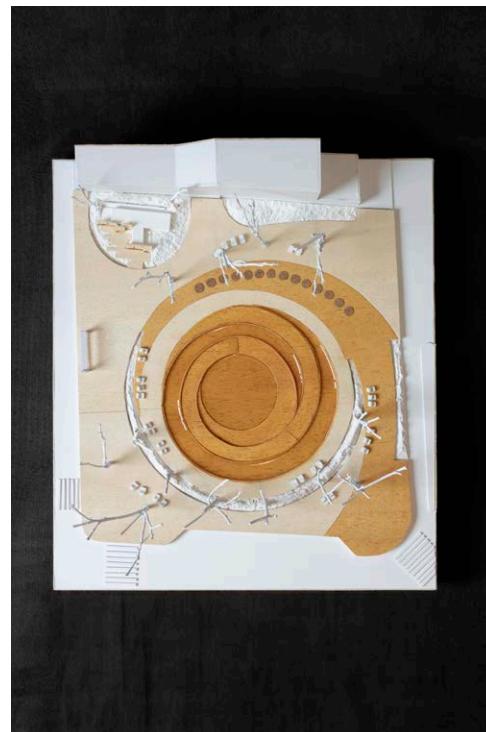
2024

MaterialidadeMadeira balsa
PVC expandido
Massa acrílica
Resina
Verniz

Modelo físico
selecionado
para publicação
na plataforma
Architecture Models

Fotografia

Igor de March



1:125

Praça Forte São LuísModalidadeProjeto comissionado
JA8 Arquitetura VivaAno

2024

MaterialidadeMadeira balsa
PVC expandido
Massa acrílica
Resina
Verniz

Modelo físico
selecionado
para publicação
na plataforma
Architecture Models

Fotografia

Igor de March



1:100

Modalidade

Análise projetual

Pavilhão Nôrdico
em Veneza (1962)Ano

2023

CoautoriaJulia Michelson
Pedro SpeckMaterialidadePapelão
PVC expandido
AcetatoFotografia

Murilo Faller



1:100

Pavilhão Nôrdico
em Veneza (1962)

Projeto original
de Sverre Fehn
(1924-1999)

Modalidade

Análise projetual

Ano

2023

Coautoria

Julia Michelson
Pedro Speck

Materialidade

Papelão
PVC expandido
Acetato

Fotografia

Murilo Faller

**IGOR
DE MARCH**
**ARQUITETURA E
URBANISMO**
**Florianópolis/SC
Brasil**
**UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SANTA CATARINA**
Telefone

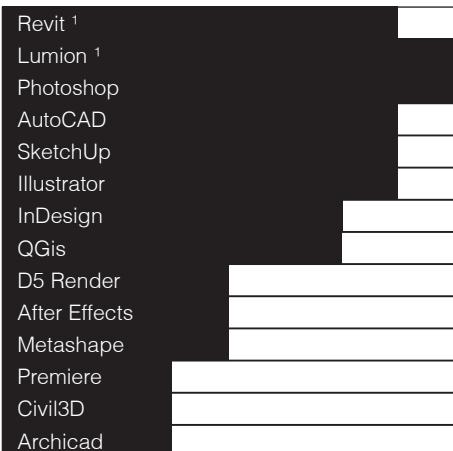
(48) 99915-2610

E-mail

igordemarch@hotmail.com

Portfólio virtual
<behance.net/igordemarch>
Formação

2019 - presente

APTIDÕES E DOMÍNIOS

EXPERIÊNCIAS TÉCNICAS

2022 - 2024

**JA8 ARQUITETURA VIVA
(FLORIANÓPOLIS/SC)**

Estágio remunerado na área de desenvolvimento de projeto arquitetônico, urbano e paisagístico em BIM.; maquetaria física e virtual, renderização, pós-produção gráfica e publicação editorial

2023 - 2024

**LABORATÓRIO DE URBANISMO
(LABURB/UFSC)**

Membro e estagiário bolsista do Laboratório de Urbanismo do projeto de elaboração do Plano Diretor de São Pedro de Alcântara/SC

2023 - 2024

PRODUÇÃO GRÁFICA EDITORIAL

Trabalho como designer gráfico e ilustrador das publicações “De Cá Pra Lá: histórias de cá, teatro pra lá” e “ETC.: escrita teatral criativa”, contempladas pelos editais da Fundação Catarinense de Cultura e da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes

2024

**GEOPROCESSAMENTO DE
ASSENTAMENTOS INFORMAIS**

Freelancer em geoprocessamento e produção ortofotogramétrica de assentamentos informais e ocupações em parceria com o programa de residência em assistência técnica em habitação de interesse social da UFSC

2021 - presente

**REPRESENTAÇÃO
DE PROJETO ARQUITETÔNICOS**

Freelancer nas áreas de maquetaria física e renderização de projetos arquitetônicos de pequena e média escala

2021 - 2022

**LABORATÓRIO DE PROJETOS
(LABPROJ/UFSC)**

Membro do Laboratório de Projetos no projeto da Moradia Estudantil Indígena e da Casa de Passagem Indígena

2020 - 2021

**ATELIÊ MODELO DE ARQUITETURA
(AMA/UFSC)**

Membro e bolsista do ama/ufsc em comissões internas e nos projetos de extensão popular da Vargem do Bom Jesus e Chico Mendes

2017 - presente

DESIGN GRÁFICO

Freelancer nas áreas de ilustração, branding, desenvolvimento de identidade visual e animação. Desenvolvimento para arquitetos, designers gráficos e demandantes de outros campos de conhecimento

¹ Formações com certificado emitido

OUTRAS APTIDÕES E INTERESSES

desenvoltura com maquetaria física, digital e impressão tridimensional

autonomia e domínio em experimentação com mídia mista e produtos físicos

experiência e interesse em programação visual arquitetônica e design gráfico

experiência em produção de geoprocessamento, e levantamento ortofotogramétrico

experiência e interesse em fotografia analógica, digital e tratamento de imagem

fluência em língua inglesa e espanhola

**IGOR
DE MARCH**

ARQUITETURA E
URBANISMO

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SANTA CATARINA

CONCURSOS E PREMIAÇÕES

2024
CÂMARA MUNICIPAL DE ERECHIM
(MENÇÃO HONROSA)

Menção honrosa na proposta submetida ao concurso da Câmara Municipal de Vereadores de Erechim, promovido pela Câmara Municipal de Erechim e pelo IAB/RS

2024
PRÊMIO IAB
(PREMIAÇÃO)

Premiação pelo projeto da Moradia Estudantil Indígena/UFSC, desenvolvido junto ao Laboratório de Projetos/UFSC, nas categoria “Edificações e projetos” e “Prêmio Destaque”, do IAB/SC

2024
MEMORIAL DA FIOCRUZ SOBRE A COVID-19
(PARTICIPAÇÃO)

Participação no concurso Memorial à COVID-19, promovido pela Fiocruz e IAB/RJ

2023
RAMMED EARTH PAVILION
(PARTICIPAÇÃO)

Participação no concurso Rammed Earth Pavilion promovido pela plataforma Buildner

2021
INTERVENÇÃO EM LINA BO BARDI
(PARTICIPAÇÃO)

Participação no 6º Prêmio (CURA) de intervenção temporária na obra de Lina Bo Bardi

PUBLICAÇÕES

FIORIN, E.; MARCH, Igor Augusto de. *Transurbanogramas: caminhar e cartografar na capital catarinense.* In: AMARAL, L.; SCHWARTZ, R. (Orgs.). *Entre territórios e redes: arte, memórias, cidades.* São Paulo: e-Manuscrito, p. 108-123, 2022.

OLIVEIRA, A. M. S.; Giambelli, C.; MARCH, Igor Augusto de; et al. *Estatuto da cidade, POEMA e participação popular: reflexões sobre as práticas dialógicas como método de organização política no contexto de atuação dos EMAUs.* In: PERES, L. F. B. (Org.). *Confrontos na cidade: luta pelo plano diretor nos 20 anos do Estatuto da Cidade.* Florianópolis: Instituto Cidade e Território/IT Cidades, p. 43-51, 2022.

EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS

2024
MONITORIA EM TEORIA URBANA

Monitor bolsista pela UFSC na disciplina de Teoria Urbana II

2023
**PESQUISA EM ARQUITETURA
E ANTROPOLOGIA**

Pesquisador do termo de cooperação entre UFSC - IPHAN “Saberes e Práticas Tradicionais Associadas aos Engenhos de Farinha de Santa Catarina”

2021
**MONITORIA EM HISTÓRIA DA
ARQUITETURA E DO URBANISMO**

Monitor bolsista pela ufsc na disciplina de História da Arte, Arquitetura e Urbanismo I

2021
MONITORIA EM PROJETO ARQUITETÔNICO

Monitor bolsista pela ufsc na disciplina de Projeto Arquitetônico e Programação Visual

2021 - 2022
PESQUISA EM PSICOCARTOGRAFIA

Pesquisador bolsista do CNPQ no projeto “Transurbanogramas - trajetos, territórios e suas traduções: experiências de reconhecimento urbano”

